



PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**Arthur Martins Maimone**

BDSM e Identidade

**São Paulo**

**2019**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ARTHUR MARTINS MAIMONE**

**BDSM E IDENTIDADE:**

**As Relações da libido como mecanismo de defesa e suas formas**

**Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso de  
Psicologia, sob orientação do Prof. Me. Ricardo  
Radin Bueno**

**SÃO PAULO**

**2019**

- **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer e dedicar esta dissertação às seguintes pessoas e instituições:

Em primeiro lugar, ao docente e orientador desta pesquisa Ricardo Radin Bueno. Pois mesmo com esta pesquisa sendo considerada “ousada” e “megalomaniaca”, abraçou o primeiro esboço do Projeto de Pesquisa que viria ser este estudo e me ajudou durante o caminho com orientações, correções e indicações de leitura pontuais.

Ao parecerista e docente Alexandre Saadeeh, que aceitou ler esta pesquisa mesmo não sendo a corrente teórica que domina, mas abriu as portas para a leitura. Além da indicação do curso no Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS) sobre Atualização em Sexualidade que foi um bom guia para este trabalho ao discutir sexualidade e identidade.

A docente Paula Regina Peron, que ao dar uma eletiva explicando a formação de uma pesquisa psicanalítica para mim, viu o primeiro protótipo deste trabalho quando ainda trilhava o que seria discutido da sexualidade em relação a identidade. Tendo como primeiras idéias a Transexualidade, o Infantilismo e o BDSM que viria ser o eixo deste.

Uma dedicação a usuárias do *FetLife* e praticantes do BDSM: Eva Blue e Nahemah. Sendo figuras importantes que apresentaram pequenos grupos de BDSM e mostrando suas dinâmicas ou em blogs ou em convenções sociais. Adicionando e debatendo seus respectivos pontos de vista sobre as dinâmicas destas comunidades

E por fim, a dedicação a familiares e amigos que, apesar de saberem deste estudo abordar um tema considerado “tabu” pela sociedade, apoiaram e sempre buscaram saber o andamento do estudo e o que ele apresenta. Dando também o suporte e incentivo para continuar a abordar tal temática.

**Área de Conhecimento: 7.07.05.03-8**

**“BDSM e Identidade: As Relações da libido como mecanismo de defesa e suas formas”**

**Nome do orientando: Arthur Martins Maimone/RA00130094**

**Nome do orientador: Ricardo Radin Bueno**

**Nome do parecerista: Alexandre Saadeh**

- **RESUMO**

O vigente trabalho tinha como objetivo fazer uma análise psicanalítica da recusa da castração no fetichismo e sua influência na formação de identidade de sujeitos que usam de suas práticas sexuais para se identificarem e se assimilarem a uma cultura BDSM, a aplicando em seu dia-a-dia, tais como sujeitos que aderem a uma das diversas identidades que tal cultura carrega, identificando-se com o *"personagem criado"*. Pensando nesses sujeitos praticantes de BDSM, foi comentado a distinção de indivíduos que têm a prática fetichista como uma forma de identidade e de vida daqueles que usam o fetichismo apenas em seus atos sexuais. Nesta pesquisa, foi usada uma leitura de psicanalistas, tendo como abertura o trabalho de Freud, ao comentar sobre as estruturas da sexualidade humana e as relações de sadismo e masoquismo, além de trazer como base desse trabalho os olhares contemporâneos sobre a teoria sexual através da obra Flávio Carvalho Ferraz. Tendo a explicação da perversão estabelecida, e tendo um maior entendimento das questões da cultura na questão debatida, foi também necessário entender o BDSM como um fenômeno social para compreender os sujeitos que usam de símbolos do BDSM para estarem inseridos em uma cultura e se identificarem através de um ideal ou pelo próprio fetiche.

- **Palavras-Chaves:** Psicanálise, Perversão, BDSM, Identidade, Grupos

- **Sumário**
- **Agradecimentos.....2**
- **Resumo.....3**
- **Introdução.....5**
- **Metodologia.....17**
  - 1. **Capítulo 1: Neurose e Perversão: Um estudo psicanalítico.....19**
    - 1.1. **O Neurótico e o Perverso.....19**
    - 1.2. **O Sadismo e Masoquismo diante das Pulsões Parciais....23**
    - 1.3. **“Um novo Perverso” de Joyce McDougall.....30**
  - 2. **Capítulo 2: O Ego e o ID: Identidade e Desejo.....34**
    - 2.1. **Libido como Identificação, de Freud a Dor.....34**
    - 2.2. **A Criança depois de ser espancada.....39**
  - 3. **Capítulo 3: BDSM: Uma prática, um grupo.....46**
    - 3.1. **BDSM, mais do que Sadomasoquismo.....46**
    - 3.2. **Psicologia das Massas em grupos BDSM.....52**
    - 3.3. **Transferência de Perversão: uma relação.....56**
- **Considerações Finais.....61**
- **Referências Bibliográficas.....62**

- **Introdução**

Nos debates de relevância contemporâneos, muito se tem aberto às discussões sobre a sexualidade humana através de representações midiáticas, tais como o livro *50 Tons de Cinza*, a obra assinada por E.L James que mostra um romance voltado ao sadomasoquismo em relações de senhor/escrava, ou por aparições de sexólogos na televisão, como no programa *Altas Horas* com a participação da sexóloga Laura Muller, que trazem em pauta a discussão de problemas ou esclarecimentos voltados a práticas sexuais, tentando buscar uma liberdade de tabus ou um maior entendimento e amadurecimento em relação ao próprio corpo do consumidor de tais mídias, refletindo e conhecendo outras formas de obtenção de prazer.

Em adição a isso, a parada LGBT que ocorreu em São Paulo em 2018, ano em que esta pesquisa teve início, foi apresentado em diversas alas a mostra de trios elétricos com diversos temas que abordaram a diversidade em relação a sexualidade e identidade, sendo que uma dessas alas foi voltada aos performistas dos mais diversos fetiches, bem como o chamado BDSM<sup>1</sup>.

Entretanto, ainda há muito receio e tabus que rondam os debates sobre a sexualidade humana, majoritariamente a falta de comunicação de nossas preferências nas formas sexuais de obtenção de prazer, principalmente sobre práticas que fogem a um padrão normativo e poderiam causar mal-estar se trazidas a tona.

O que me despertou a curiosidade sobre este assunto da sexualidade contemporânea foi ainda que muitos debates da psicologia sobre a sexualidade, mesmo na faculdade, se voltam muito mais a questões de orientações sexuais e conhecimento do próprio corpo, mas pouco se é debatido a respeito das

---

<sup>1</sup> BDSM é uma sigla para a expressão “Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo”

preferências sexuais, também chamadas de “taras” ou “fetiches”, que, todos sabem, participam de diversas práticas sexuais humanas.

Tal uso de fetiches como uma forma de expressão de si mesmo, da própria identidade, ficou muito evidente para mim em uma oportunidade que tive ao participar de uma convenção social de um grupo de praticantes de uma preferência sexual conhecida como BDSM chamada de “encoleiramento”, que seguem muitos ritos semelhantes ao padrão de um noivado, onde os noivos fazem seus votos e trocam alianças, entretanto nessa ocasião os votos se baseiam na submissão de um dos parceiros ao outro considerado “dono” em troca de seu cuidado e proteção, e as alianças seriam uma coleira para o “submisso” e, junto dela, a guia da coleira para o “dono”.

Muito desses ritos que o BDSM incorpora, por mais que se mantenham em sigilo em grande maioria, podem ser encontrados na internet, como vídeos na plataforma *YouTube* mostrando o “Encoleiramento”. Assim como o uso de divulgação de ritos, dogmas e discussões de diversas comunidades BDSM a partir de relatos em sites pessoais, fóruns ou grupos fechados em redes sociais, como o *Facebook* ou o *Fetlife*, rede social voltada para o BDSM e seus praticantes.

Por esse olhar, vemos o quanto a linguagem das preferências sexuais, caracterizadas como fetiche, mostram o simbolismo que ele tem para a pessoa, me fazendo ter um interesse para compreender melhor esse fenômeno e preferências através do olhar psicanalítico. Para iniciar esta pesquisa, foi necessário começar pelas descrições sobre o fetichismo em si, que se baseiam no entendimento da perversão.

O conceito de Perversão, pensando no que é dito na obra “*Perversão*” (2009) de Flávio Carvalho Ferraz, onde há uma síntese dos textos de Freud sobre tal conceito se dá através da relação entre positivo e negativo obtidos da neurose e perversão, sendo a perversão formada através de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal e sem um eixo organizador, porém fixado em torno de um objeto.

No neurótico, por sua vez, a sexualidade se desenvolve por completo no período da puberdade, na corrente genital da libido, agora plenamente erótica, daria um caráter novo para as formações pré-genitais da sexualidade, em forma de

acessórios para a preparação para uma relação sexual. Tal pensamento pode ser melhor detalhado na explicação de Freud em “*O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*”:

“Antes de utilizarmos nosso conhecimento das perversões, para nos atirmos novamente ao estudo da sexualidade infantil, devo chamar a atenção dos senhores para uma importante diferença entre elas. A sexualidade pervertida é, via de regra, muito bem centrada: toda as suas ações se dirigem para um fim - geralmente um único fim: uma das pulsões componentes assumiu a predominância, e, ou é a única pulsão observável, ou submeteu as outras a seus propósitos. Nesse aspecto, não há diferença alguma entre a sexualidade perversa e normal, a não ser o fato de que suas pulsões componentes dominantes e, conseqüentemente, seus aspectos sexuais são diferentes. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder”. (Freud, 1917, p.378)

Entretanto, o próprio Ferraz de Carvalho trouxe contribuições sobre o olhar da Perversão através do uso de Psicanalistas contemporâneos, onde ele consegue pensar uma melhor explicação do funcionamento de uma estrutura perversa dizendo:

“A onipotência exibida pelo perverso e a efetiva consecução do gozo, vivido como extraordinário, reforçam a base narcísica de sua dinâmica psíquica. O apego excessivo ao seu modo particular de obter prazer pode ser encarado, à primeira vista, como decorrente da magnitude do gozo por ele auferido. No entanto, a forma restrita de obtê-lo e o caráter compulsório que ele assume na vida do perverso comprovam que, na verdade, tal apego excessivo decorre do fato de que as práticas sexuais atuadas funcionam como proteção contra as angústias psicóticas e encarregam-se da manutenção da identidade subjetiva” (Carvalho, 2015, p.123-124)

Com tal explicação da perversão dita resumidamente, podemos pensar como o fetiche, que tem em sua definição psicanalítica ser o “substituto da falta do pênis na mulher” e um triunfo sobre a castração, tendo um caráter protetor contra ela. Assim, pode haver uma reelaboração do fetiche em sua forma que ele se dá tanto na estrutura psíquica neurótica, através de uma condição fetichista, quanto na estrutura perversa no formato de fetichismo.

Na condição fetichista, tem-se o uso de um objeto usado na castração para a contribuição da representação que ele terá para um determinado indivíduo como um objeto de desejo. Lembrando que esse caráter não se conecta com o objeto de desejo em si, mas sim por ter algo que desperte desejo libidinal para tal indivíduo, buscando sempre estar relacionado junto à prática sexual. Sendo considerado para Freud no caso de “O Homem dos lobos”:

“todos somos mais ou menos fetichistas no amor e que há uma certa dose de fetichismo, mesmo considerando o amor mais normal” (Freud, 1887, p. 331)

No Fetichismo, por sua vez, o caráter que esse objeto de castração toma teria uma característica singular e central na vida sexual do sujeito, onde o prazer da prática sexual só podem ser obtido através desse objeto, como citado em “*Fetichismo*” de Freud:

“o fetiche separa-se de uma pessoa em particular, convertendo-se em "único" objeto sexual. Sabemos que o fetiche está numa relação intensa com o nível genital: "se um é estimulante, então o outro não o é.” (Freud, 1927, p.181)

Embora o conceito freudiano ainda seja uma base sólida para a explicação do fetichismo, a psicanálise contemporânea ganha um olhar a partir de um caso relatado por Masud Khan em que sua conclusão que um objeto fetichista inspira, simultaneamente, afeto e hostilidade. E definidos em uma conclusão voltada a Flávio Carvalho Ferraz novamente:

“O objeto-fetiche heterossexual substitui o pênis da mulher e produz, dessa forma, um alívio da angústia desencadeada pela a ameaça da castração. (...) o fetiche assume uma função diferente, que não pode encontrar explicação no referencial estritamente freudiano. O que se verifica é uma regressão oral, sendo que o próprio pênis é o fetiche que substitui o seio materno” (Carvalho, 2015, p.122)

E nesse mundo de fetiches podemos citar os mais diversos, como fetiches por alguma parte do corpo como pés, por roupas ou objetos distintos, inclusive um dos fetiches de grande relevância e interesse para essa pesquisa é o chamado BDSM anteriormente citado. O BDSM é uma prática onde há intuito de trazer prazer sexual através da troca erótica de poder, podendo haver elementos de dor ou não, envolvidos no processo, abrangendo diversas práticas, tipos de relacionamentos e papéis desempenhados. Além de realizar as práticas mais frequentes, por exemplo o ato de amarrar o parceiro sexual em cordas ou uso de tapas em áreas erógenas, prática conhecida como *spanking*. Assim como as menos comuns, por exemplo a criação de cenas com temática incestuosa ou de estupro, o chamado *rape play*, além de outros fetiches que estão dentro de práticas BDSM. Isso se deve ao fato de que a sigla BDSM também é uma amálgama de outras três siglas que simbolizam três grupos principais de fetiche inseridos no conceito amplo do BDSM, que seria B&D, significado de “*Bondage* e *Disciplina*”, D/S expressando os fetiches de

“Dominação e Submissão” e por fim SM onde abrange fetiches de “Sadismo e Masoquismo”.

Vasculhando os trabalhos psicanalíticos que voltam a essas práticas, poucas tratam o BDSM como um todo, mas sim tomam a discussão pelo seu caráter voltado às relações de Sadismo e Masoquismo presentes na última sigla da amálgama. Não à toa, Freud cita em “*Três ensaios sobre a sexualidade*” que as duas ocupam um lugar especial em perversões pois seus contrastes da passividade e agressividade fazem parte das características universais da vida sexual, dando um caráter de pares de opostos, que pode ser explicado por essa frase:

“A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém, em que suas formas ativa e passiva costumam encontra-se juntas numa mesma pessoa. Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual, é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre e ao mesmo tempo masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante” (Freud, 1905, p. 149)

O BDSM unifica Eros e Thanatos em uma prática sexual onde prazer e dor ambos têm um papel preponderante em uma forma composta de agressividade e afeto.

E ainda que use tanto da estrutura sádica quanto a estrutura masoquista, é necessário se ter uma compreensão da formação de um Ego e sua conversa com impulsos Inconscientes que foram melhor abordados em “*O Ego e o Id*” (1923) de Freud.

Em sua obra, Freud nos apresenta o conceito de Inconsciente, que seria o lugar onde se repousa os conteúdos reprimidos que não possuem força para serem conscientes ou conteúdos que, mesmo latente no Inconsciente, podem se fazer presente no consciente. Nesse sentido, entendemos como se dá a relação dessas duas estruturas inconscientes a partir do ego, que seria uma forma de como controlamos nossas descargas emocionais para o mundo externo, podendo trazer conteúdos que se encontram na estrutura inconsciente, seja ela latente ou reprimida, da psique.

Para um melhor entendimento do funcionamento entre a relação do Inconsciente e o Ego, onde os estímulos reprimidos advindos do Inconsciente se

fundem com esse “algo” citado no texto, se comunicando a partir dele com o Ego, Freud relata que:

“Esse ‘algo’ se comporta como um impulso reprimido. Ele pode exercer força impulsiva sem que o Ego note a tensão na reação de descarga, é que o ‘algo’ se torna consciente como desprazer. Assim como as tensões que surgem de necessidades físicas podem permanecer inconscientes, também o pode o sofrimento - algo intermediário entre a percepção externa e interna, que se comporta como uma percepção interna, mesmo quando sua fonte se encontra no mundo externo” (Freud, 1923, p.36)

Freud em “Psicologia das Massas” também retoma o conceito de identificação que, considerando o uso da libído para estabelecer relações com o externo, sua constituição poderia ocorrer de três formas: Na primeira, onde se daria pela formação original advinda do Complexo de Édipo que usa de um laço emocional com o objeto libidinal e formação da identidade baseada em um Ideal de Eu. A segunda, ocorre uma inversão da primeira forma, onde o objeto libidinal se incorpora pelo Ideal de Eu. E a terceira, essa percepção de objeto libidinal em comum é partilhada com outras pessoas que não são o objeto sexual, o que pode acabar gerando uma identificação parcial e o início de novo laço.

Existe um conceito usado nas comunidades de BDSM conhecido como “*Cenário*”, que pode ser classificado como um grupo que se identifica através de uma prática fetichista e que cria uma rede através de objetos de identificação que lhes dão prazer, podendo um cenário englobar as práticas BDSM como um todo, ou um cenário que usa de uma forma de obtenção de prazer em específico.

Tal cenário que usa de objetos específicos, podemos citar o chamado “*Cenário AgePlay*”, que está voltado para praticantes de uma parafilia chamada *infantilismo*, constituída de um indivíduo que tem o prazer de ser tratado como uma criança ou bebê, e envolvendo a participação de outra pessoa, que faz o papel da figura adulta, lhe dando o caráter de cuidador do praticante infantilista, possuindo papéis estabelecidos nessas relações, não sendo necessário uma prática sexual, mas sim normas de comportamento que um dos praticantes deve ter em relação ao outro.

Pensando que o cenário BDSM possui um grupo estabelecido através da expressão do fetiche feita no próprio corpo do sujeito e em sua própria conduta, além do uso de objetos para a busca de reconhecimento entre iguais, devemos

pensar as limitações sociais de tal conduta usando a psicanálise através de sua base em “*Psicologia das Massas e a Análise do Eu*” de Freud. Nesta obra, Freud relata que o sujeito para ter o pertencimento a um grupo usa da submissão à seus impulsos emocionais. Para explicar como conseguir tal aproximação, Freud diz:

“(…) Esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições que são peculiares a cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente seus”. (Freud, 1921, p. 113)

Além disso, Freud retoma o conceito de Le Bon, onde ele afirma que a origem desses fenômenos sociais estão ligados aos fatores da busca pela a imitação mútua dos indivíduos de um grupo ou do líder desse, buscando prestígio de ambos. No entanto, o próprio Freud refuta que essa busca por imitação e admiração se toma por uma expressão instintiva da libido, que mesmo tendo o objetivo da união sexual, não se limitaria apenas a relações sexuais, mas também procuraria união em outras formas de relação, usando essa frase para melhor entendimento:

“(…) a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade” (Freud, 1927, p.116)

Elaborando tal conceito da análise do Eu e sua busca por um objeto ou um ideal, de identificação em grupos, seja uma pessoa ou um fetiche no caso deste trabalhos, uma das referências contemporâneas que pode melhor elaborar esse pensamento se encontra na obra “*A Adolescência*” de Contardo Calligaris, no qual é feita uma análise da adolescência através de uma série de imagens de suma importância pelos adolescentes que têm o intuito de haver uma transgressão em busca de reconhecimento. Essas imagens se organizam através de comportamentos exercidos nessa busca de reconhecimento, destacando-se a imagem de cinco comportamentos adolescente: O adolescente gregário, o delinquente, o toxicômano, o adolescente que se enfeia e o adolescente barulhento.

O adolescente gregário, que pode melhor explicar o conceito de grupos de identificação, tem como característica, segundo Calligaris:

“(…) O adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue. Nesses grupos, ele procura a ausência de moratória ou, no mínimo, uma integração mais rápida e critérios de admissão claros, explícitos e praticáveis (a diferença do que acontece com a famosa “maturidade” exigida pelos adultos). Os grupos adolescentes, sempre respondendo a esses pré-requisitos, são, por assim dizer, de densidades diferentes.” (Calligaris, 2000, p.)

Traçando o paralelo com os diversos grupos de praticantes BDSM, estes usam de integração e reconhecimento em suas formas de fetiche, podendo estar ligado através de um estilo de vestuário, como o citado *cenário AgePlay* que usa de vestimentas infantis ou de grupos que usam de identificação marcas no corpo, como hematomas ocorridos durante uma cena de spanking.

Além disso, pensando como os grupos BDSM são julgados negativamente pela sociedade, podemos achar outro paralelo onde Calligaris diz:

“(…) O grupo adolescente - seja um estilo compartilhado ou propriamente uma gangue - aparece de qualquer jeito como uma patologia aos olhos dos adultos. Os gostos gregários dos jovens são considerados anormais ou perigosos. O grupo adolescente é vivido como o que sanciona a desagregação da família e quebra a relação hierárquica entre gerações, visto que o adolescente encontra em seus coetâneos o reconhecimento que se esperava que pedisse dos adultos” (Calligaris, 2000, p.37)

Analisando o que foi trazido pelas descrições de Freud e por Calligaris, usamos o BDSM em um ideal fetichista<sup>2</sup> e o colocando como um objeto gregário para um indivíduo se estabelecer em uma relação grupal através dessa perversão. Esse pensamento pode ser contemplado se retornarmos a fala em “*Perversão*” sobre o apego excessivo às formas de obtenção de prazer serem um mecanismo de defesa contra angústias psicóticas, fazendo a manutenção de sua identidade subjetiva, se estruturando a partir dessa perversão e a usando como identificação para si e para expressão em grupos.

Considerando a formação da identidade, onde o desenvolvimento da sexualidade está atrelado a esse processo, podemos citar que durante o desenvolvimento da sexualidade infantil a estrutura perversa teria sua base de identidade decorrente a uma fixação da libido infantil mantida na vida adulta, enquanto na estrutura neurótica esta sofreria um processo de recalçamento ou

---

<sup>2</sup> O termo “ideal fetichista” será usado nesta pesquisa com o intuito de simplificar as formas como o BDSM pode ser caracterizado, seja ele em forma de obtenção de prazer, um fetiche, uma perversão, um ideal de eu, um objeto gregário ou a ideologia em si.

sublimação, não tomando o caráter principal na vida adulta, como pensado em “*Três ensaios*”. Segundo Ferraz:

“tal independência precoce afasta-o dos processos posteriores do desenvolvimento e, por isso mesmo, ele é mantido em sua forma infantil. Se esse componente passa, depois, por um processo de recalçamento, sublimação ou formação reativa, a perversão infantil não persiste na vida adulta. Caso contrário, ela se consolida” (Carvalho, 2015, p.)

O próprio Ferraz faz uma descrição em sua obra “*Tempo e Ato na Perversão*” onde se destaca que a perversão pode se dar tanto no campo clínico quanto meta psicologicamente nas formas de relações, partindo tanto de um eixo sintomatológico quanto a partir de um eixo transferencial. No caso do eixo sintomatológico, a perversão toma um caráter em que estará colocado em uma fixação infantil pré-genital na organização da libido.

Entretanto, quando a perversão toma um caráter organizado pelo eixo transferencial, sendo considerado em um contexto metapsicológico, acaba usando de um recurso chamado de “perversão de transferência”, onde Ferraz descreve:

“(…) na transferência perversa o risco do analista ser envolvido nas fantasias perversas do paciente e, assim, levado a condição de expectador das relações de objeto perversas externas à análise. Etchegoyen (2002) resume essa posição perversa, que é tanto transferencial como sintomática, afirmando que o perverso sente o seu sexo “não como um desejo, mas como uma ideologia” (p.105), sendo a inveja o motor do tal sentimento” (Carvalho, 2010, p.32-33)

Por essa ótica, Ferraz também faz uma articulação entre a psicose e a perversão, sendo essa última uma forma de defesa contra a psicose através do uso de alguns mecanismos com o objetivo da recusa da castração, o que difere do processo neurótico, que recalca a castração, e do processo psicótico, que rejeita a castração. Ferraz usa o trabalho de R. Horácio Etchegoyen para melhor descrever esse processo:

“Quanto ao “parentesco” da perversão com a psicose - assinalado por muitos autores, que vêm na perversão, em essência, uma defesa contra a psicose -, ficaria por conta, entre outros fatores, do predomínio da identificação projetiva, da labilidade da relação com o objeto, da genitalização precoce, do papel da inveja como motor da conduta e da dissociação do ego” (Etchegoyen, 2002, p.77)

A própria Psicanálise lacaniana usa de uma explicação para a construção da identidade subjetiva realizada através da construção do imaginário e do ego ideal no

estádio do espelho, instituindo que o narcisismo muito se vincula aos desejos do outro, como explica no texto de Miriam Debieux Rosa e explica o conceito usado por Calligaris da Perversão como uma identificação com o outro.

“A constituição subjetiva refere-se ao Édipo Estrutural, que descreve a passagem da relação dual à relação mediatizada pelo registro simbólico; a passagem do eu da existência para o eu do sentido. O estágio do espelho é a teorização do que está em jogo no reconhecimento e júbilo da criança diante do espelho. Trata-se de um momento estruturante da constituição da realidade, que mostra a função da imagem. Indica a conquista da imagem do corpo, promovendo a estruturação do eu pela superação, através da imagem totalizadora, do corpo esfacelado. Produz-se uma transformação no sujeito quando assume uma imagem. Manifesta-se a matriz simbólica em que o eu se precipita, antes de objetivar-se na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua no universal sua função de sujeito? Esta forma, chamada eu ideal situa a instância do ego na ficção irreduzível da concepção do individual.” (Debieux Rosa, 1997, p.122-123)

Considerando o que foi dito sobre os alcances que a prática do BDSM pode ter na vida de um indivíduo ou em um grupo, é conclusivo que a relevância social que se pode pensar sobre esse trabalho, pensando em um contexto acadêmico, é ter-se a compreensão de um fenômeno social que tem ganhado relevância, despertando uma curiosidade sobre determinado assunto e abrangendo a prática do BDSM através de representações midiáticas, tal como a obra *Cinquenta Tons de Cinza*, ou o usando como um objeto de representatividade na sociedade, como aconteceu na já citada Parada do Orgulho LGBT em São Paulo no ano de 2018, onde houve uma ala dedicada aos praticantes BDSM que ficou conhecido como “ala *Leather* (couro)”, sendo que vestimentas de couro são um dos objetos de identificação em grupos BDSM, ou simplesmente usar o BDSM e as mais variadas práticas por ela englobada como novas experiências para se buscar uma obtenção de prazer.

Para explicarmos melhor a pesquisa, é necessário uma busca através de textos e obras que se debruçaram sobre a temática da sexualidade humana envolvendo o BDSM, contudo mesmo não tendo uma leitura específica sobre o BDSM em si, se faz necessário filtrar as explicações que melhor se adequa a proposta do problema de pesquisa, que usaram explicações de sadismo e masoquismo, perversão e fetichismo sob o olhar psicanalítico em um primeiro momento.

Concluída a leitura sobre os conceitos de fetichismo, sadismo e masoquismo, pode ser pensado e melhor desenvolvido as questões voltadas à estruturação do Ego e o uso da identificação nesse processo, seja a partir de relações transferenciais com objetos ou indivíduos, ou usado para sua convivência em grupos voltados ao chamado “Cenário BDSM” em sua totalidade e ramificações

Algumas obras merecem ser citadas, ainda que com ressalvas por não usarem da Psicologia, tal como Margot Weiss, formada em Serviço Social pela *University of Chicago* e PhD em Antropologia na *Duke University*, pelo seu trabalho em “*Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*”, onde faz uma explicação bem aprofundada sobre a comunidade BDSM. Mas como seu estudo se baseia bem mais em conceitos antropológicos do que psicológico, esse trabalho é lembrado, mas apenas como explicação detalhada do BDSM.

Assim, tendo a busca feita pelos textos que melhor abordam a proposta dessa pesquisa, será feita uma releitura bibliográfica sobre o assunto envolvidos no BDSM com o enfoque na Psicanálise e para uma melhor elaboração do olhar contemporâneo sobre Perversão e sexualidade, será usado o trabalho de Flávio Carvalho Ferraz, com a formação de psicólogo, psicanalista e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), membro e docente do Departamento de Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae. Em seu trabalho, podemos citar a direção de uma coleção chamada “*Clínica Psicanalítica*”, compostas por obras escritas por, além de Fernando, outros autores psicanalíticos que abordam as mais diversas manifestações do sofrimento psíquico.

Em uma dessas obras, que é usada para essa pesquisa, chamada de “*Perversão*” e assinada pelo próprio Ferraz, onde ele usa da explicação de um caso clínico através de expansões sobre o campo da Perversão usando autores psicanalistas contemporâneos, tal como Joyce McDougall e Masud Khan, além de Ferraz propôr um pensamento para a clínica da Perversão.

Entretanto não é usado apenas um olhar contemporâneo sobre a sexualidade humana e referência a esse trabalho. Também é necessário usarmos dos estudos psicanalíticos de Freud, onde os estudos contemporâneos se baseiam e o dissecam, tal como o uso de “*Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, por explicar o desenvolvimento e conceitos primários de perversões, fetiche e sadismo,

além de impulsionar a discussão do desenvolvimento da sexualidade infantil. As outras duas obras de Freud que serão citadas na pesquisa serão “*Fetichismo*” e “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” por darem auxílio na explicação dos conceitos apresentados em *Três Ensaios*.

Tendo isso em mente, podemos nos debruçar melhor para as questões voltadas a identificação em grupos e na estruturação do Ego que se encaixa no problema de pesquisa aqui discutido. Novamente será usada a obra de Freud, em obras como “*Psicologia das Massas e a Análise do Eu*” com a discussão do comportamento em grupo em um indivíduo e “*O Ego e o Id*” para a compreensão da estrutura da psique de um sujeito e seu processo de identificação. E assim como feita a leitura psicanalítica freudiana para esse fenômeno, a obra “*Tempo e Ato na Perversão*” que nos dá um olhar sobre as questões das perversões sintomatológicas, perversões transferenciais e a recusa do tempo, também chamada de *Verleugnung*.

Concluindo, é elaborado através da parte introdutória da pesquisa aqui apresentada, trazendo o fenômeno social BDSM, os conceitos psicanalíticos pensado sobre esse assunto e extraindo a relevância que esse trabalho possui, pode-se notar que tal fenômeno BDSM pode ser visto sob a ótica de conceitos psicanalíticos que vão além de uma forma de obtenção de prazer somente, mas também como tal sexualidade tomando um caráter identificatório, podendo tal característica ser usada como um objeto de identificação em grupos e passada ao nível de relações transferenciais. E tendo isso em mente, a pesquisa apresentada tem como objetivo responder esta pergunta:

**“O Processo de Defesa contra a realidade influencia e o faz de que forma no processo de identificação no BDSM, seja pelas práticas sexuais ou a comunidade?”**

- **Metodologia**

Este trabalho está dividido em três capítulos, acompanhando o desenvolvimento de pesquisa. No primeiro capítulo deste estudo é necessário fazer uma distinção entre o comportamento neurótico e o perverso, sob o olhar da psicanálise, dividindo a exposição em três subcapítulos.

No primeiro subcapítulo serão explicados os conceitos psicanalíticos de neurose e perversão, enquanto o segundo subcapítulo faz a diferença entre a neurose e a perversão no olhar freudiano a partir das práticas sexuais de sadismo e masoquismo, utilizando-se do conceito de perversão presente em “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” e “*O Problema Econômico do Masoquismo*”. No terceiro subcapítulo é apresentado um olhar contemporâneo sobre tal diferença, dando ênfase na funcionalidade social da perversão, a partir das referências que Ferraz (2009) traz, junto com outros autores contemporâneos, em seu livro “*Perversão*”.

No segundo capítulo, dividida em dois capítulos, esta pesquisa usa a explicação do desenvolvimento do Eu a partir da ótica do objeto de identificação edípico e de suas relações com impulsos da libido inconsciente, usando como base a obra “*O Ego e o Id*”, sendo reforçado pela explicação de Joel Dor (1991) em “*Estrutura e Perversões*”. O último subcapítulo se encerra apresentando a formação da sexualidade infantil através de uma estrutura ou neurótica ou perversa, usando os textos que abordam esse assunto, tais como “*Organização Sexual Infantil*”, “*Uma Criança é Espancada*”, “*Problema Econômico do Masoquismo*” e “*Fetichismo*” de Freud

A conclusão ocorre no terceiro capítulo, dividida em três partes, onde são aprofundadas as relações que o BDSM incorpora na vivência comunitária dos grupos que têm como objeto gregário de identificação uma forma de obtenção de prazer que se utiliza de relações envolvidas em sadismo e masoquismo. A partir da explicação de como tais dinâmicas se dão através do olhar da chamada psicanálise ampliada, aquela praticada fora do *setting* analítico.

No primeiro subcapítulo, é conceituado as relações de BDSM e como as dinâmicas do mais diversos cenários podem se dar com o auxílio da obra

*“Techniques of Pleasure: BDSM and circuits of sexuality”* de Margot Weiss. O segundo subcapítulo dá um entendimento com uma leitura a partir de *“Psicologias das Massas”* de Freud para a compreensão do comportamento de um indivíduo em grupo que se volta a uma tarefa ligada a impulsos inconscientes. E por fim no terceiro subcapítulo, essa pesquisa é encerrada com a explicação contemporânea da psicanálise sobre as relações de “perversão de transferência” e a recusa do tempo, associada também a uma recusa de castração para Freud na obra de Ferraz em *“Tempo e Ato na Perversão”*.

## **1. Capítulo 1 - Neurose e Perversão: Um Olhar Psicanalítico**

### **• 1.1 - Diferença entre o Neurótico e o Perverso**

É necessário retomar os estudos de Sigmund Freud sobre a neurose e perversão para entender e desenvolver os comportamentos neurótico e perverso para ajudar assim a responder nossa questão de pesquisa. Tais assuntos são explicados na obra “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905).

Em *Três Ensaios*, Freud começa levantando que as necessidades sexuais adultas se dão como expressão da pulsão sexual, cujo objetivo é chegar à união sexual ou a atos que pelo menos levem a uma satisfação. Freud esclarece o tema fazendo uma analogia à pulsão de nutrição, onde assim como a fome move a pulsão de nutrição com o intuito de se alimentar, a pulsão sexual buscaria a satisfação sexual através da libído. Assim, a pulsão sexual se designaria tanto para um objeto sexual, que seria a pessoa pela qual o sujeito se sente atraído, quanto para um alvo sexual, que seriam as ações específicas pelas quais o sujeito usaria da pulsão para chegar a satisfação.

Para uma melhor explicação do conceito de Pulsão, recorreremos à obra de Laplanche, “*Vocabulário de Psicanálise*” (1970). Onde é apresentado o conceito de Pulsão:

“Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz com o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta” (Laplanche, 2014, p.394)

Complementando o auxílio de Laplanche para este estudo, é retomado o uso da pulsão denominada por Freud, tendo o foco da fonte, objeto e a meta que a pulsão toma:

“É na descrição da sexualidade humana que se esboça a noção freudiana de pulsão. Freud, baseando-se especialmente no estudo das perversões e das mobilidades da sexualidade infantil, ataca a chamada concepção popular que atribui à pulsão uma meta e um objeto específico e a localiza nas excitações e no funcionamento do aparelho genital. Mostra, pelo contrário, como o objeto é variável, contingente, e como só é escolhido sob a sua forma definitiva em função das vicissitudes da história do sujeito. Mostra ainda como as metas são múltiplas, parcelares e estreitamente dependentes de funções somáticas” (Laplanche, 2014, p. 395)

No caso de objetos sexuais, Freud levanta como um exemplo a homossexualidade. Mesmo que o termo “invertido” seja pejorativo, cunhado no início do século XX para designar tal orientação sexual, o próprio Freud o expande a partir da sua experiência médica e levanta o fato de que em civilizações antigas no auge de sua cultura a homossexualidade era frequente e bem vista, além de levantar que na época onde seus estudos foram escritos, não havia ainda modo de responder satisfatoriamente sobre a origem da homossexualidade.

Voltamos nosso olhar para o alvo sexual do sujeito, onde há uma descarga da tensão sexual e satisfação temporária desta através da união sexual designada como coito. No entanto, dentro do próprio ato sexual, observam-se expressões que, se desenvolvidas, poderiam desencadear atos perversos. Freud ressalta que:

“(...) certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares. Essas atividades, de um lado, trazem prazer em si mesmas, e de outro, intensificam a excitação que deve perdurar até que se alcance o alvo sexual definitivo” (Freud, 1905, p. 140)

Em relação aos desvios de alvo, Freud classifica as perversões em dois tipos: aquelas relativas às chamadas ‘transgressões anatômicas’ e aquelas relativas a “relações intermediárias” com o objeto. No primeiro caso, a satisfação ocorre em atos sexuais relativos a partes do corpo não destinadas direta e necessariamente ao ato sexual, por exemplo: beijo, sexo oral e masturbação. No segundo caso, encontramos o sadismo e o masoquismo, onde o prazer se encontra parcialmente na pele, com enfoque no toque da pele, através da dor.

No entanto, Freud ressalta que tais expressões não devem ser caracterizadas genericamente como uma doença ou degeneração. Pois a maioria das transgressões citadas em *Três Ensaio*s, são um componente comum na vida sexual de pessoas sadias e considerados como uma intimidade que o sujeito tenha. Em *Três Ensaio*s é dito que:

“Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar o quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos” (Freud, 1905, p. 150-151)

Com isso, para definir o caráter patológico de uma perversão, no qual baseia uma estrutura em que o sujeito seja classificado como “perverso”, não está relacionado com seu conteúdo voltado aos objetos e alvos sexuais do sujeito, mas sim na sua relação de normalidade com caráter de fixação e exclusividade nas relações com o mundo externo. Além disso, Freud retoma a importância da perversão em sua participação psíquica na transformação da pulsão sexual, através da fixação e exclusividade advindas da perversão.

As perversões assim podem tanto não tomar um caráter exclusivo na vida do sujeito, quanto podem se desenvolver precocemente no sujeito a ponto de não permitir a incidência do registro da castração, definindo o rumo da relação do sujeito com o mundo externo.

Essa relação da perversão com a pulsão sexual tem um caráter diferente em sujeitos considerados psiconeuróticos, onde as forças pulsionais tem o destino do coito como principal. Isso se deve ao fato de que o estudo dos comportamentos perversos em neuróticos foram feitos em pacientes que sofriam de histeria e neurose obsessiva.

A Psicanálise usa da premissa de que sintomas apresentados pelos pacientes neuróticos seriam um substituto para uma série de desejos e aspirações, de natureza sexual que haviam passado por um processo psíquico chamado de recalçamento, negando a descarga libidinal vindo da pulsão sexual. No caso da histeria, há uma conversão da libido em fenômenos somáticos. O recalçamento sexual se utiliza de intensa resistência à pulsão sexual, podendo esta ter um caráter de moralidade, vergonha ou asco a tais práticas, tendo lugar uma fuga da psique a qualquer conteúdo relacionado a sexo. A consequência é a ignorância do sujeito em relação a natureza sexual de seus sintomas.

O recalçamento do caráter sexual é mal sucedido e acaba por gerar um desenvolvimento desmedido da pulsão sexual, uma necessidade sexual aumentada junto a uma excessiva renúncia ao sexual. Em consequência deste maniqueísmo, satisfazer a pulsão sexual ou ouvir o antagonismo da renúncia sexual, o sujeito desenvolve uma saída para tal conflito se usando das transformações das aspirações libidinais em sintomas. Para Freud, a sexualidade em quadros neuróticos também apresenta comportamentos perversos, mas nesse caso ocorre que:

“(…) de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas perversas (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal;” (Freud, 1905, p. 155)

Dessa forma, se pode fazer uma distinção de como comportamentos perversos podem ocorrer como variações de uma vida sexual normal, no caso de neuróticos. Nesse caso, há também posições sexuais que podem ser inconscientes para o sujeito, porém dentro dos próprios alvos sexuais, há uma necessidade de um pareamento com um oposto. Ou seja, toda perversão ativa na neurose, é acompanhada de uma contraparte passiva. Como Freud cita alguns pareamentos:

“(…) Quem é exibicionista no inconsciente é também, ao mesmo tempo, *voyeur*, quem sofre as consequências das moções sádicas recalçadas encontra outro reforço para seu sintoma nas fontes de tendências masoquistas” (Freud, 1905, p.157)

No caso da psiconeurose, a intensidade de cada pulsão é independente do desenvolvimento de sua contraparte. Tendo em mente que na psiconeurose o embate entre a intensa pulsão sexual e um grau desmedido do recalçamento sexual, a perversão nessa estrutura se desenvolve plenamente após a puberdade, sendo solicitada durante a vida sexual ou em casos onde não ocorre a satisfação libidinal através apenas da união sexual, ficando assim a perversão em um estado condicionado a um objeto ou ato sexual e intensificado em uma estrutura neurótica. Retomando o que diz Freud:

“O fato é que se tem de alinhar o recalçamento sexual, enquanto o fator interno, com os fatores externos que, como a restrição da liberdade, a inacessibilidade do objeto sexual normal, os riscos do ato sexual normal, etc., permitem que surjam perversões em indivíduos que, de outro modo, talvez permanecessem normais” (Freud, 1905, p.160)

A hipótese deste comportamento na neurose pode ser melhor elaborado neste parágrafo:

“A neurose sempre produz seus efeitos máximos quando a constituição e a vivência cooperam no mesmo sentido. Uma constituição marcante talvez possa prescindir do apoio de impressões provenientes da vida, e um grande abalo na vida talvez provoque a neurose até mesmo numa constituição corriqueira. Aliás, essa visão da importância etiológica do inato e do acidentalmente vivenciado é igualmente válida em outros campos.” (Freud, 1905, p.160).

Observando que as pulsões são uma fonte de estimulação e uma exigência de manifestações corporais, a “pulsão parcial” se distingue pela suas propriedades específicas relacionadas com a fonte somática e o alvo sexual para qual ela é designada.

Uma hipótese que Freud constitui a partir da teoria das pulsões, seria a de que a excitação libidinal tem sua origem em uma chamada “zona erógena” da qual a pulsão parcial toma sua existência onde se explica:

“(...) esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles transformam-se na sede de novas sensações e de alterações da inervação - e mesmo de processos comparáveis à ereção -, tal como os próprios órgãos genitais diante das excitações dos processos sexuais normais”. (Freud, 1905, p.158)”

Porém, há uma ressalva de que essas zonas erógenas, como “substitutos da genitália”, se evidenciam com maior clareza nas psiconeuroses e em casos de histeria. Elas também têm sua presença na neurose obsessiva, onde sua manifestação não ocorre necessariamente com partes que regem o corpo, mas sim com a significação dos impulsos libidinais que criam alvos sexuais independente da zona erógena, como o exemplo citado do sadismo, onde é dito:

“Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel - a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transformou em mucosa, sendo assim a zona erógena por excelência”. (Freud, 1905, p.158-159)

## ● 1.2 - O sadismo e masoquismo diante das “Pulsões Parciais”

A partir da explicação da origem das pulsões parciais e das zonas erógenas, bem como de sua relevância para o presente estudo sobre BDSM, é preciso trazer à tona alguns conceitos primários trazidos pela psicanálise sobre o tema, que em primeiro momento colocam o BDSM apenas como práticas de “sadismo e masoquismo”. A obra de Freud que melhor descreve este fenômeno se encontra em “*O Problema Econômico do Masoquismo*” (1924), onde é explicado as formas de manifestação do masoquismo, bem como o quanto ele destoa de seu contraponto, o sadismo.

Esse aprofundamento do masoquismo se faz necessário, pois há um desafio em como explicar como o sofrimento e o desprazer, objetos que a psique evita pensando o princípio do prazer, são para o sujeito o objeto de prazer em si. Unificando assim, os preceitos de Eros e Thanatos representados, respectivamente, pela pulsões libidinais eróticas e pela pulsão de morte.

Freud elabora o princípio que rege os processos mentais, onde o sujeito busca como objetivo uma tendência de estabilidade das pulsões. Assim, a unificação de ambas as pulsões pode ser melhor encaixada por um termo cunhado de “Princípio do Prazer-Desprazer”, porém no texto “*O Problema Econômico do Masoquismo*”, Freud usa o termo cunhado pela psicanalista Barbara Low como “Princípio de Nirvana”. Segundo Freud:

“Todo desprazer deve assim coincidir com uma elevação e todo prazer com um rebaixamento da tensão mental devida ao estímulo; o princípio de Nirvana (e o princípio de prazer, que lhe é supostamente idêntico) estaria inteiramente a serviço dos instintos da morte, cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico, e teria a função de fornecer advertências contra as exigências dos instintos da vida - a libido - que tentam perturbar o curso pretendido da vida” (Freud, 1924, p.200)

Se faz presente ressaltar que o estado da excitação sexual pode ser colocado como um exemplo do aumento prazeroso vindo de um estímulo, tal como as zonas erógenas, porém ele não seria o único a partir do princípio de prazer-desprazer. O aumento da excitação sexual não estaria ligado a um fator quantitativo, mas sim a também em características qualitativas de um alvo sexual, por exemplo.

Assim, a unificação de Eros e Thanatos se alinha a partir de uma experimentação libidinal alimentado pela pulsão de morte, para assim se tornar um princípio de prazer. Freud elabora uma hipótese onde a força de tal pulsão se torna a fonte de modificação neste caso, causando uma interferência nas regulações de processos na vida do sujeito.

Mas é necessário ressaltar que as pulsões regidas por tais forças, mesmo alinhadas, são distintas. Fazendo olhar o princípio do prazer guiado pela libido enquanto o princípio de prazer-desprazer pela pulsão de morte. Em consequência, essas forças coexistem causando uma interferência em um terceiro princípio, o chamado “princípio de realidade” regido pelas influências do mundo externo. Tais

princípios, mesmo que distintos, não anulam ou suprimem um outro, o comportamento delas pode ser descrito como:

“Nenhum desses três princípios é realmente colocado fora de ação por outro. Via de regra eles podem tolerar-se mutuamente, embora conflitos estejam fadados a surgir ocasionalmente do fato dos objetivos diferentes que estão estabelecidos para cada um - num dos casos, uma redução quantitativa da carga do estímulo; noutro, uma característica qualitativa do estímulo e, por último [no terceiro caso], um adiamento da descarga do estímulo a uma aquiescência temporária ao desprazer devido à tensão” (Freud, 1924, p.201)

Ao concluir sobre a relevância de como o princípio de prazer e o prazer-desprazer regem a vida do sujeito, podemos retomar as explicações do masoquismo, apresentado aqui em três variações. A primeira variação do masoquismo é batizada de masoquismo erógeno, apresentada como uma condição imposta à excitação sexual e caracterizado pelo prazer no sofrimento com bases biológicas e constitucionais, executadas por assuntos inconscientes e sendo presente também na base das outras duas variações.

Com a estrutura dando continuidade ao masoquismo erógeno e considerada uma expressão da chamada por Freud “natureza feminina”, encontramos o masoquismo feminino, baseado em fantasias com base em representações de uma satisfação sexual na pulsão de prazer-desprazer.

E por fim, descrevemos a terceira variação do masoquismo com características designadas à normas e condutas de comportamento conhecida como masoquismo moral. Alimentado por um sentimento de culpa inconsciente, esta variação é escalonada e derivada também a partir do masoquismo feminino, dado que o sentimento de culpa pode estar também presente em tal variação e usada para a transição do feminino para o moral

Tendo em mente que as três variações partem de uma mesma origem estrutural, Freud retoma as fontes da sexualidade infantil, explicando que assim como a excitação da pulsão sexual pode não acarretar relevância durante o processo de desenvolvimento do sujeito, a excitação do sofrimento e desprazer estariam fadadas ao mesmo destino. Nesse caso, explicado por Freud:

“A libído enfrenta o instinto de morte ou destruição neles dominante de procura desintegrar o organismo celular e conduzir cada organismo unicelular separado para um estado de estabilidade inorgânica (por mais relativa que possa ser). A libído tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto,

em grande parte, para fora - e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular - no sentido de objetos do mundo externo.” (Freud, 1924, p. 204)

Porém, a base da estrutura masoquista seria originada de um mecanismo fisiológico que deixa de operar mais tarde, atingindo um desenvolvimento em constituições sexuais, mas ainda assim, com a fundamentação psicológica a partir da estrutura do masoquismo erógeno. Para explicar a origem, é dito o conceito da origem de sua contraparte, o sadismo:

“O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte do instinto é colocado diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que de identificar o masoquismo original, erógeno” (Freud, 1924, p. 204)

Ainda usando o sadismo para explicar o masoquismo, é descrito que o instinto de morte regido pela libído e operante pelo organismo, chamado de sadismo primário, é idêntico ao masoquismo, pois enquanto o sadismo transporta toda a descarga da libído para o mundo externo ou alvos sexuais, o masoquismo erógeno propriamente dito, usa a mesma libído regida pela pulsão de morte, mas com o alvo sexual voltado ao Eu (*self*).

Vale ressaltar que o masoquismo erógeno acompanha a libído em todas as fases de desenvolvimento da psique do sujeito, tendo revestimentos e alvos sexuais distintos em cada uma delas. Um exemplo que Freud usa na obra é o desejo de ser espancado nas nádegas durante a fase anal-sádica, indicando um alvo sexual voltado a área erógena das nádegas.

Constatando então, o masoquismo é uma comprovação da fase de desenvolvimento do sujeito onde se afirma a união entre Eros e Thanatos que esta análise busca responder, afirmado ao escrever:

“Não ficaremos surpresos em escutar que, em certas circunstâncias, o sadismo, ou instinto de destruição, antes dirigido para fora, projetado, pode ser mais uma vez introjetado, voltado para dentro, regredindo assim à sua situação anterior” (Freud, 1924, p.205).

Concluindo a explicação da origem do masoquismo em sua primeira variação, a atenção deste estudo se volta a segunda variação, o chamado

Masochismo Feminino, caracterizado por ser o de mais fácil observação no período que Freud escreveu sua obra, sendo assim o primeiro passo ao expandir o conceito de masochismo, pois os pacientes observados que apresentaram a estrutura de masochismo feminino e muito presente em homens.

A característica de destaque do masochismo feminino seria que sua origem se encontra em fantasias voltadas a satisfação pela masturbação ou as práticas sexuais em si. Este conceito é melhor explicado em "*Uma criança é espancada*" (1919) onde Freud usa exemplos de pacientes masochistas atendidos e explicando seu comportamento:

"(...) eram pessoas que obtinham satisfação sexual exclusivamente pela masturbação acompanhada de fantasias masochistas; ou eram pessoas que haviam conseguido combinar o masochismo com a sua atividade genital, de tal modo que, paralelamente às experiências masochistas e sob condições semelhantes, conseguiam chegar à ereção e ejaculação, ou levar a cabo uma relação normal. Além desses, havia o caso mais raro em que um masochista é perturbado nas suas atividades pervertidas pelo aparecimento de idéias obsessivas de intensidade insuportável" (Freud, 1919, p.245)

Ou seja, é mostrado que o masochismo feminino consegue harmonizar suas práticas com as fantasias masochistas, destinado a um fim que seria induzir a pulsão libidinal com potência para o ato sexual. O conteúdo dessas fantasias masochistas podem se dar em várias formas, tal como o sujeito masochista ser amarrado, amordaçado e entre outras práticas.

A hipótese para a origem do Masochismo Feminino é que o sujeito masochista tem o desejo de ser colocado num papel de indefeso ou também como uma criança travessa, alimentando um sentimento de culpa que se faz necessário uma punição masochista de seu ato. Assim, indicado uma explicação da castração e o desejo por esta no masochismo, a castração pode ser explicada em:

"Ser castrado - ou ser cegado, que o representa - com frequência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos genitais ou aos olhos. Também um sentimento de culpa encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masochistas; o indivíduo presume que cometeu algum crime (cuja natureza é deixada indefinida), a ser expiado por todos aqueles procedimentos penosos e atormentadores. Isso se parece com uma racionalização superficial do tema geral masochista, mas jaz por trás dela uma vinculação a masturbação infantil" (Freud, 1923, p. 203)

Com base do sentimento de culpa presente no masochismo feminino, ele também se torna parte de sua transição para o terceiro masochismo conhecido

como Masoquismo Moral. No entanto, o masoquismo moral se difere de seus antecessores por estes apresentarem sempre um alvo ou objeto sexual tolerados pelo sujeito, enquanto que o masoquismo moral há um abandono dessa tolerância, e focando o prazer exclusivamente na dor e no sofrimento, podendo ser emanado por alguém, por poderes e normas ou as próprias circunstâncias, estando o masoquista moral aberto ao sofrimento sempre que a oportunidade aparece.

Ademais, uma característica presente no masoquismo moral se encontra no comportamento do sujeito que transmite uma impressão de forte inibição moral, sendo regido de forma excessiva pela consciência a partir de uma extensão inconsciente da moralidade. Porém, mesmo essa extensão ser uma característica, ela se diferencia do masoquismo moral em si, mas se alinham a partir do prazer pelo sofrimento. Concluído o conceito de inconsciente da moralidade e masoquismo moral partir de suas características:

“Na primeira, o acento recai sobre o sadismo intensificado do superego a que o ego se submete; na última, incide no próprio masoquismo do ego, que busca punição, quer do superego quer dos poderes parentais externos. Podem perdoar-nos por termos confundido os dois inicialmente, pois em ambos os casos se trata de um relacionamento entre o ego e o superego (ou poderes que lhes são equivalentes), e em ambos os casos o que está envolvido é uma necessidade que é satisfeita pela punição e o sofrimento” (Freud, 1923, p. 210)

No entanto, é necessário ressaltar que mesmo com o sadismo do superego tornar-se consciente, a tendência masoquista do ego do sujeito permanece oculta e seja revelada inconscientemente a partir de seu comportamento. Assim, Freud elabora uma hipótese que tal tendência masoquista inconsciente tem como base a necessidade de punição por um poder paterno alinhado ao desejo próximo de se manter em uma postura sexual passiva já presente no masoquismo feminino, porém aqui ela seria uma deformação regressiva dessa postura. Assim, essa hipótese explica o conteúdo do masoquismo moral como:

“A consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, a dessexualização do Complexo de Édipo; através do masoquismo moral, porém, a moralidade mais uma vez se torna sexualizada, o complexo de Édipo é revivido e abre-se o caminho para uma regressão, da moralidade para o complexo de Édipo.” (Freud, 1923, p. 211)

Isso já nos daria uma das formas de como um dos ideais fetichistas citados na introdução deste estudo, não se limitando apenas a uma prática como no

masoquismo erógeno e feminino, mas sim a partir de uma relação passiva associado a uma moralidade sexualizada, descrito em:

“O indivíduo pode, é verdade, ter preservado a totalidade ou determinada medida de senso ético ao lado de seu masoquismo. Novamente, o masoquismo cria uma tentação a efetuar ações ‘pecaminosas’, que devem então ser expiadas pelas censuras da consciência sádica (como é exemplificado em tantos tipos de caracterológicos russos) ou pelo castigo do grande poder parental do destino” (Freud, 1923, p. 211)

Com isso, o sujeito busca provocar a punição advinda desse chamado “poder parental”, ou ideal fetichista como chamado nesta pesquisa, a partir do que lhe é desaconselhável, agindo contra seus próprios interesses e voltando em forma de sadismo contra o Eu (*self*). Porém, esse sadismo voltado ao Eu se origina a partir de uma repressão dos instintos feita pela moralidade, impedindo que muito dos impulsos que se voltam a Thanatos sejam exercidos no cotidiano do sujeito, mas intensificando sua presença em um espectro masoquista no Ego (Eu) como um impulso libidinal em alguns casos, como descrito em:

“O sadismo do Superego e o masoquismo do Ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com frequência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como a consciência de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros” (Freud, 1923, p. 212)

Assim, pode-se afirmar que o masoquismo moral tem relevância para esta análise por nos mostrar ser uma prova da fusão dos instintos de Eros e Thanatos a partir do uso da pulsão de morte não como o alvo o mundo externo, mas sim a unificando com a pulsão libidinal para obter a satisfação erótica da destruição do Eu, realizando-a com a satisfação libidinal

- **1.3 - “Um novo Perverso” de Joyce McDougall**

Por mais que os conceitos trazidos por Freud sobre a perversão nos deem uma boa explicação sobre esta, é necessário ressaltar que seu trabalho foi feito há quase um século e outros autores psicanalistas se aprofundaram sobre essa temática, contribuindo para um olhar amplo e contemporâneo sobre o assunto. Uma autora de grande relevância, citada na obra “*Perversão*” (2009) de Flávio Ferraz, é Joyce McDougall, uma psicanalista neozelandesa radicada na França, com formação psicanalítica em Londres pela Sociedade de Psicanálise Britânica, onde inclusive trabalhou com nomes como Theo Winnicott. McDougall precisou se mudar de Londres em 1953 devido a uma mudança de trabalho de seu marido, que passou a trabalhar para a UNESCO em Paris. A psicanalista deixa seus estudos na Sociedade de Psicanálise Britânica mas retoma a formação, prática e conclusão pela Sociedade Francesa de Psicanálise.

A prática integrativa de estudar duas escolas distintas de Psicanálise enriqueceu muito seu trabalho clínico a partir de escritos psicanalíticos sobre a perversão e modos peculiares de organização da vida psíquica. Partindo dos próprios estudos, Joyce também usa de contribuições teóricas distintas - tais como Lacan, Winnicott, Klein, Bion, Freud e Pierre Marty - para elaborar de forma integrada e coerente adições de relevância ao trabalho freudiano.

A estrutura perversa, para McDougall, faz com que o sujeito use da sua perversão como uma forma de ritual ou encenação para transmitir a inexistência da castração. Este enredo, usado como mecanismo de defesa contra a castração, tende inconscientemente a representar a fantasia da vitória sobre a castração, pois mesmo ela sendo o que impulsiona este teatro, ela seria o problema que cerca o concretizar da fantasia. Tal dinâmica é descrita por Ferraz como:

“O sentido dessa *mise-en-scène* está centrado na produção de uma castração lúdica, que visa provar que a castração não é perigosa nem mutiladora, mas, antes, prazerosa e condição mesma do gozo. É um desafio que se faz no confronto com a angústia, no intuito de se levar a melhor sobre ela. Daí o caráter compulsivo da busca sexual do perverso, pois, diante da presença da evidência sempre presente na realidade, ele não pode ter descanso em seu afã de proteger-se da angústia e de, a seu modo, negá-la escamoteá-la”. (Ferraz, 2015, p. 89)

A libido, nessa hipótese, está totalmente voltada para e organizada pela estrutura dessa fantasia sexual, sendo impossibilitada a sua renúncia no afã libidinal angustiado. Tal angústia acaba deixando o ego do perverso como o de um drogadito, fenômeno que McDougall descreve como “*neossexualidade*”<sup>3</sup>. A sexualidade seria explicada então em:

“A sexualidade funciona, assim, como uma droga: não está no registro do prazer, próprio da sexualidade como tal, mas no registro da necessidade. É uma sexualidade que não acede, pois ao amor e nem pode chegar a conhecê-lo” (Ferraz, 2015, p. 90)

A neossexualidade, neste momento, acaba sendo usada para alimentar as chamadas “neo necessidades”. Porém, a neossexualidade toma um caráter de necessidade e, abandonando sua função de desejo, se torna verdadeiro comportamento de compulsão sexual, uma forma de comportamento toxicômano. McDougall usa da hipótese que a relação que a neossexualidade usa de um pareamento sobre o somático

Nessa relação, a natureza do objeto em si é desimportante, o que lhe dará relevância é o efeito que causa dentro do cenário fantástico. Nessa hipótese, porém, o objeto ainda tem um caráter definido e controlado na fantasia sexual que, diferente de um eixo de comportamento perverso neurótico, não possui um valor fora do cenário sexual e da fantasia criada. O ato sexual construído a partir dessa fantasia toma um caráter voltado ao uso tanto do objeto quanto do alvo sexual como um protetor da realidade e subprodutos que a psique evita, tal como o sofrimento e a perda de identidade. Essa fantasia é melhor explicada em:

“(...) o perverso passa a vida tentando impor sua ilusão como uma realidade. Sua fantasia atuada é altamente especializada: diz respeito a seu complexo particular ligado ao terror da cena primária, dificilmente passivo de elaboração” (Ferraz, 2015, p. 90)

Não à toa, é a fantasia que dá glória e triunfo sobre a castração, que dá ao perverso condição de gozo. Ferraz lembra de Stoller (1986) ao descrever que essa vivência da castração tem como sua característica principal ser apresentada como

---

<sup>3</sup> O termo “neossexualidade” foi usado por McDougall em 1982 para explicar das necessidades compulsórias presentes sobre o mundo da adicção, usando de “neo necessidades” para alimentar uma “neorrealidade”. Neo necessidades essas que se assemelham às “pulsões parciais” descritas neste estudo.

um “falso risco”. Ou seja, o risco apresentado na fantasia traz ainda ao sujeito perverso a sensação de controle de sua própria encenação, tendo para o sujeito, como condição necessária para a excitação, o fingimento de um risco.

A sensação de controle do sujeito perverso na fantasia também reside na onipotência presente nesta, dando-lhe o caráter de detentor do segredo e experiência do desejo sexual, desprezando práticas sexuais convencionais.

A manipulação do prazer e do objeto sexual do parceiro também crava sua importância como relevante no gozo do sujeito perverso. McDougall imputa essa manipulação do prazer do parceiro à tentativa do sujeito perverso de inverter sua situação infantilizada de impotência à mercê da castração que, simultaneamente, o deixa excluído da relação parental e consumido pela excitação dessa fantasia.

Entretanto, o trabalho de McDougall também traz explicações a respeito da diferença do uso da perversão em estruturas psíquicas neuróticas, perversas e psicóticas. Para a explicação, McDougall se usa da teoria lacaniana, a partir da qual explica que:

“(…) no caso da perversão, aquilo que foi recusado não é restituído ao sujeito sob forma delirante, mas é sempre redescoberto, em função da ilusão que seu ato sexual contém. Isto explica também por que a cena sexual deve ser montada *ad infinitum*, pois seu papel é o de proteção contínua contra a solução psicótica do delírio. Conforme vimos na evolução da teoria freudiana da perversão, esta, definida por sua relação com a neurose (seu “negativo”), foi passando a ser vista como patologia similar a psicose” (Ferraz, 2015, p. 95)

Para concluir as colaborações que McDougall trouxe sobre o fenômeno da perversão, Flávio Ferraz traz as determinações etiológicas da organização psicopatológica do perverso. McDougall volta seu olhar aos primeiros estágios do desenvolvimento infantil, analisando as trocas sensoriais entre a mãe e o bebê. Durante esse processo, vale ressaltar o papel fundamental, para a estruturação interna do bebê, dos temores maternos inconscientes projetados neste.

As especificidades de tal relação não tem só sua relevância na gênese da perversão mas também nos comportamentos perversos em organizações não-neuróticas. A explicação é feita de forma hipotética, onde McDougall explica etiológicamente os desvios sexuais:

“A observação clínica convenceu-me de que as crianças que estão fadadas a desenvolver um comportamento sexual desviante na vida adulta, inicialmente criaram

seu teatro erótico como tentativa protetora de cura de si mesmas, ao se defrontarem com uma angústia de castração esmagadora, proveniente dos conflitos edipianos e, ao mesmo, ao se confrontarem com a necessidade de chegar a um acordo com a imagem introjetada de um corpo frágil ou mutilado. Assim, elas se protegem interiormente contra um aterrorizante sentimento de morte libidinal interior. Essas medidas de proteção frequentemente dão origem ao medo da perda da representação corporal como um todo e, com esta, à terrificante perda de um sentimento coesivo de identidade egóica” (McDougall, 1995, p. 195)

Em virtude dos fatos mencionados e da análise clínica de McDougall, é possível traçar uma associação paralela à *posição depressiva* descrita por Melanie Klein, usando uma citação própria escrita em “*Melanie Klein: Estilo e Pensamento*” (2010) da autora Elisa Maria de Ulhoa Cintra:

“Resumidamente, a teoria postula que no primeiro ano de vida, em torno dos quatro aos cinco meses, ocorre uma mudança significativa nas relações de objeto do bebê, uma mudança da relação com um objeto parcial para um objeto total. Essa mudança coloca o ego em uma nova posição, onde consegue se identificar com seu objeto; assim, se antes as ansiedades do bebê eram do tipo paranóico e envolviam a preservação do ego, ele agora possui um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas sobre a condição de seu objeto. Ele passa a ter medo de perder o objeto amado bom e, além das ansiedades persecutórias, começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por amor. A isso se relaciona uma mudança em suas defesas: ele passa a mobilizar as defesas maníacas para aniquilar os perseguidores e lidar com a nova experiência de culpa e do desespero. Melanie Klein deu a este grupo específico de relações de objeto, ansiedades e defesas o nome de *posição depressiva* (Klein. Obras Completas, v.1, p. 301-2)” (Cintra, 2010, p. 78-79)

Nesta situação, observando os papéis familiares, a mãe, em reparo de uma fantasia inconsciente, investe no bebê a partir de sua condição libidinal narcísica, o que muitas vezes faz com que exclua o pai de seu papel real e simbólico em relação ao bebê.

A situação se agrava caso o pai aceite o papel passivo que lhe é destinado. Os desejos primitivos e o terror da castração arcaica do bebê acabam não tendo uma resolução satisfatória e, conseqüentemente, não permitem uma boa elaboração da representação sexual do *self* adulto do sujeito. Assim, com a falha em elaborar essas angústias, o sujeito torna-se predisposto a um novo colapso quando em situação de enfrentamento de novas angústias decorrentes da castração, usando sempre como mecanismo de defesa a recusa ou a vitória sobre a castração citada por McDougall.

## 2. Capítulo 2 - O Ego e o Id: Identidade e Desejo

### ● 2.1 - Libido como identificação, de Freud a Dor

Iremos no debruçar agora sobre o caráter pulsional da perversão, e das defesas levantadas contra a castração. Este aprofundamento busca compreender como o desejo por um objeto sexual também pode ser usado como identificação presente na estrutura psíquica do sujeito. Tal hipótese foi discutida no estudo de Freud em “*O Ego e o Id*” (1923) e aprofundada pelo psicanalista francês Joël Dor em sua obra “*Estrutura e Perversões*” (1991).

Freud elabora que a estruturação do Ego se dá como um núcleo de percepções, tanto internas como externas, fazendo a captação pelo consciente, ainda que, em último caso, situado dentro de uma estrutura inconsciente. Explicado em:

“Examinaremos agora o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir do seu núcleo, o sistema *Pcpt.* Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema *Pcpt.* forma a sua (do ego) superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte interior funde-se com ele” (Freud, 1923, p. 38)

Considerando como os conteúdos reprimidos no Id também se tornam parte da psique sob influência do Ego, o texto de Freud segue:

“Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o ego através do id” (Freud, 1923, p. 39)

Assim, o ego usa das influências externas ao id para substituir o princípio de prazer pelo princípio da realidade. Porém, podemos pensar que esse é um dos mecanismos de defesa contra a castração já descritos nesta pesquisa, onde usa-se o ideal fetichista contra a realidade, interferindo na importância do ego, que deveria manter uma relação funcional com a realidade, contra as manifestações latentes no inconsciente:

“A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente, as catexias do objeto procedem do id, o qual sente as tendências eróticas como necessidade. O ego, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta das

catexias do objeto, e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo de repressão” (Freud, 1923, p. 43)

Com isso em mente, Freud levanta a hipótese da existência de algo acima do ego, que o vigia, recompensa e pune, batizado de “ideal de ego” ou “superego”. Nesse caso, o ideal de ego ajuda o ego com a transformação de um objeto externo possuidor de forte catexia<sup>4</sup> em um objeto de comparação, garantindo uma forma determinada para o ego. Essa formação é explicada como:

“Quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia” (Freud, 1923, p. 43)

Não à toa, essa caracterização pode ser considerada para casos de objetos sexuais com forte descarga da pulsão, a partir de uma defesa em que o Ego toma o controle de tal impulso vindo do Id. Essa hipótese é citada por Freud em:

“Tomando-se outro ponto de vista, pode-se dizer que essa transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração de ego pode obter controle sobre o id e aprofundar suas relações com ele - à custa, é verdade, de sujeitar-se em grande parte às exigências do id. Quando o ego assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id dizendo: ‘olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto. A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização - uma espécie de sublimação” (Freud, 1923, p. 44)

Tal defesa superegógica pode tomar a forma de uma resposta reativa muito enérgica contra tais impulsos. Associado com o aspecto da figura paterna, o superego pode usar de mecanismos tais como a repressão, seja com influência da autoridade ou moralidade. Isso faz com que a rigidez adotada pelo superego tome o controle do próprio ego sob forma de consciência moral ou através do uso do sentimento inconsciente de culpa. Vale ressaltar que essa transformação pulsional, envolvida no sentimento inconsciente de culpa, está presente no masoquismo moral anteriormente citado.

Considerando a presença da libido sublimada pelo superego e assim dessexualizada, o deslocamento da libido é estabelecido uma unidade de pensamento, resultado da sublimação de forças motivadoras eróticas.-Afirmado em:

---

<sup>4</sup> Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada à representação mental de uma pessoa, ideia ou coisa ou investida nesses mesmos conceitos.

“A transformação (de libido erótica) em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização. De qualquer modo, isto lança uma luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos. Ele tem de aquiescer em algumas das outras catexias objetais do id; tem, por assim dizer, participar delas” (Freud, 1923, p. 61-62)

Para Freud, tal explicação de que a energia libidinal possa vir a ser usada dessa forma a serviço do eu fortalece a teoria do narcisismo. O pressuposto dito é aqui elaborado:

“Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos” (Freud, 1923, p. 62)

Pactuada a formação do ego através de suas identificações, vemos que essa formação se baseia em catexias e objetos sexuais abandonados pelo id, sendo o superego, herdeiro do complexo de Édipo, uma instância de especial relevância para nosso estudo. Vale ressaltar aqui a importância do superego como forma de identificação em um período onde o ego ainda não estava bem estruturado.

Ancorado pelas lembranças de fragilidade e dependência, o ego acaba por se manter sujeito a dominação do superego. Este se utiliza das primeiras catexias objetais do id, muitas vezes associadas com a pulsão de morte:

“Os perigosos instintos de morte são tratados no indivíduo de diversas maneiras: em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, seu trabalho interno sem estorvo.” (Freud, 1923, p. 70)

Para ter um fortalecimento contra tais pulsões, o ego se utiliza da identificação com o ideal de eu como modelo para buscar a dessexualização e sublimação de tais impulsos, ocorrendo uma disfunção instintual de tal pulsão. No entanto, após o desprendimento do componente erótico da agressividade pulsional, ambas as partes se tornam distintas e a agressão é liberada em forma de destruição. Como descrito em um caso de neurose obsessiva:

“A defusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se ao id, até o superego, que agora aumenta sua severidade para com o inocente ego.

Pareceria, contudo, que nesse caso, não menos que no da melancolia, o ego, tendo ganho controle sobre a libido por meio de identificação, é punido pelo superego por assim proceder, mediante a instrumentalidade da agressividade que estava mesclada com a libido” (Freud, 1923, p. 71-72)

Concluindo, os conteúdos vindos do id pautados de forte carga libidinal podem encontrar suas representações tanto no ideal fetichista quanto no ideal de eu, ambos penetrando de alguma forma o ego do sujeito. Freud esclarece em:

“Há dois caminhos pelos quais os conteúdos do id podem penetrar no ego. Um é direto, o outro por intermédio do ideal de ego; seja qual for destes dois o caminho tomado, pode ser de importância decisiva para certas atividades mentais. O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles, para inibição deles. Nesta realização, grande parte é tomada pelo ideal do ego que, em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos instintuais do id.” (Freud, 1923, p. 72)

Tratemos agora da obra de Joël Dor, psicanalista formado no Centro de formação em pesquisas psicanalíticas em Paris. Dor trouxe contribuições a partir da leitura de Lacan em relação às estruturas do sujeito, com ênfase de como esse processo se realiza no sujeito perverso.

Dor nos explica que o sujeito busca um ponto de ancoragem em relação ao desejo e a castração, ponto considerado limítrofe do desenvolvimento do perverso em relação à simbolização e à lei. Assim, é atribuído um significante fálico ao infante, que retém o desejo materno em si através de um mecanismo metapsicológico designado como identificação pré-genital. Esse mecanismo pode ser descrito como:

“A identificação pré-genital é, antes de tudo, identificação fálica na medida em que é identificação ao falo materno. Trata-se aqui, de uma vivência identificatória pré-edipiana da criança, onde a dinâmica de seu desejo leva-a a instituir-se como único objeto possível do desejo da mãe. Isto supõe que inscrevemos essa dinâmica em relação às primeiras experiências de satisfação, onde a criança é o objeto de uma sujeição essencial. De fato, a criança é dependente do universo semântico da mãe, isto é, submetida à ordem dos significantes maternos que constituem a própria expressão do desejo” (Dor, 1991, p. 93-94)

Mas como consequência dessa identificação, a mãe acaba tomando um lugar de onipotência para a criança, pois tem o poder de saciar todas as suas demandas. Assim, a mãe assume o lugar de Outro - tesouro dos significantes - na estrutura do sujeito, o que conseqüentemente retém a instância do desejo materno como principal eixo de sua dimensão identificatória.

Assim, essa identificação pré-genital com o falo materno se fundamenta na crença da satisfação do Outro por esse objeto, podendo ser caracterizada conceitualmente como identificação libidinal. Dor explica sua origem:

“Enquanto a mãe encarna o Outro na dinâmica do desejo da criança, esta permanece cativa de sua identificação fálica e fica assim imaginariamente protegida do que poderia questionar a onipotência que cegamente atribuiu à mãe. Neste sentido, continua a aderir plenamente à idéia 'de que a auto-suficiência materna é a única dimensão que legisla a ordem do desejo. A questão da diferença dos sexos é recusada por um tempo” (Dor, 1991, p. 94)

A dialética inicial pode ser interrompida quando a mãe perde seu lugar de onipotência e a criança tem condições de se perguntar sobre a existência de um desejo materno, e o objeto que o satisfaria. Com isso, a castração vinda da figura paterna irá trazer um princípio de realidade para a fantasia infantil. Isso estabelece uma nova dialética onde a criança pode tentar ser o objeto capaz de suprimir a falta do Outro.

“A certeza imaginária da identificação fálica da criança vê-se portanto inevitavelmente confrontada com uma ordem de realidade que não deixará de questioná-la. Esta interrogação é induzida pela intrusão da figura paterna cuja encarnação tem por objeto desvendar um universo de gozo novo. Não somente a criança descobre-o como um universo de gozo que lhe é estritamente estranho, mas também como um universo de gozo proibido, na medida em que imagina estar radicalmente excluída dele. A vacilação de sua certeza originária é, para ela, o ponto de partida de um novo saber sobre o desejo do Outro, portanto de um novo saber sobre o seu.” (Dor, 1991, p. 95)

No entanto, Dor ressalta a existência também da chamada identidade perversa, decorrente de um mecanismo de defesa contra a castração. A identidade perversa tem como característica uma organização estrutural pautada a partir da construção da figura paterna como rival, e ancorada por ambos terem o desejo da mãe, questionando assim o objeto de desejo desta. Dessa forma, a criança usa de tais desejos empreendidos de diversas formas de expressão, como uma força para agradar a mãe e buscar vencer o pai e sua castração:

“A partir do momento em que essa "tomada de fôlego" encontra o menor substrato para se suspender, a dinâmica tende a um estado onde a entropia vence este esforço psíquico que a criança deve produzir para combatê-la. A suspensão induzida em torno da vacilação da identificação fálica é deste modo capaz de enquistar um modo particular de economia do desejo que encontra seu fundamento por meio de uma identificação perversa oferecida à assunção posterior da estrutura perversa propriamente dita.” (Dor, 1991, p. 98)

Em vista dos argumentos apresentados na obra de Dör, vemos a importância da relação da função paterna com a castração na identificação, assim como a importância do superego freudiano para a sublimação dos impulsos libidinais vindos no id. Dessa maneira, ambas irão aparecer posteriormente como traços caracterológicos do sujeito expressos de diversas formas, tais como suas práticas sexuais.

- **2.2 - A Criança depois de ser espancada**

É inegável a relevância que a sexualidade tem para a estruturação do Sujeito, como já mostrado neste trabalho. Adicionando aos conceitos já aqui apresentados, Freud retoma em seus estudos sobre a sexualidade infantil, a diferenciando da estruturação da sexualidade do adulto. Em *A Organização Genital Infantil* (1923), ele diz:

“Originalmente, como sabemos, a ênfase incidia sobre uma descrição da diferença fundamental existente entre a vida sexual das crianças e a dos adultos; posteriormente, as *organizações pré-genitais* da libido abriram caminho para o primeiro plano, e também o notável e momentoso fato do *início bifásico* do desenvolvimento sexual. Finalmente, nosso interesse foi tomado pelas pesquisas sexuais das crianças, e partindo daí pudemos reconhecer a ampla *aproximação de desfecho final da sexualidade na infância* (por volta dos cinco anos de idade) para a forma definitiva por ela assumida quando adulto” (Freud, 1923, p. 179)

A sexualidade infantil se organize de uma forma distinta da organização genital final do adulto, baseando-se na primazia do falo que pode ser descrito em primeiro momento como:

“Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como tivesse uma vaga idéia de que esse órgão poderia e deveria ser maior.” (Freud, 1923, p. 181)

Se considerarmos que o menino acredita ser possuidor do falo, existe um temor da perda deste falo representado pela castração. O menino chega a essa conclusão a partir da percepção que a menina não tem um falo - aqui entendido como sinônimo de pênis - concluindo que a menina teve seu falo retirado a partir da castração. Essa polarização da sexualidade na perspectiva da criança pode ser apresentada assim:

‘Uma primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto a qual, naturalmente, pressupõe um sujeito e um objeto. No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão do masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante’ (Freud, 1923, p. 184)

A questão da obtenção de prazer, seja em uma forma ativa ou passiva, em relação a um objeto fálico já havia aparecido nos textos de Freud em “*Uma Criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*” (1919). Muitas vezes associada a fantasias eróticas, Freud usa como exemplo o espancamento das nádegas para melhor explicar o conceito do desenvolvimento da perversão na sexualidade, podendo ou não tomar um caráter de neurose obsessiva:

“Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário da perversão” (Freud, 1919, p. 228)

No entanto, a perversão infantil fixada em um objeto sexual pode ser tanto sublimada como uma forma de fetiche como se tornar uma fixação em um objeto defensivo contra a realidade, representado na frase:

“Se o componente sexual que se soltou prematuramente é o sádico, podemos esperar, com base no conhecimento derivado de outras fontes, que a subsequente repressão resultará numa inclinação para a neurose obsessiva” (Freud, 1919, p. 229)

Freud traz à tona que o desenvolvimento de tais pulsões sexuais em relação a uma cena, aqui colocado como exemplo a cena do espancamento, decorre de experiências reais e conecta-se a determinados complexos infantis. Deste jeito, a cena pode variar em diversos aspectos, sejam em relação ao espancador, ao objeto usado, aos conteúdos e significados, etc.

Essa estrutura é dividida em três fases de desenvolvimento. Elas serão pautadas de acordo com a interação com a figura parental como descreve Laplanche (1967). A primeira fase de tal fantasia de espancamento se origina em um período primitivo da infância, onde a criança que é espancada não o autor da fantasia, e sim uma outra criança. Juntamente com isso, a identidade de quem espanca é inicialmente obscura, ainda que seja sempre um adulto, que depois estará associado à figura paterna. Descrita aqui sua estrutura:

“Essa primeira fase da fantasia de espancamento é, portanto, inteiramente representada pela frase ‘meu pai está batendo na criança’. Estarei denunciando uma

grande parte do que será exposto depois, quando, em lugar disso, disser: ‘O meu pai está batendo na criança que eu odeio’. Pode-se, ademais, hesitar em dizer se as características de ‘fantasia’ podem ainda assim ser atribuídas a esse primeiro passo no sentido de uma posterior fantasia de espancamento” (Freud, 1919, p. 232)

Armada de uma postura que satisfaz os desejos egoístas da criança de ver uma outra criança, por ela desprezada, sendo castigada, pode-se conferir um caráter de desejo sádico a tal cena, em função de uma situação que na verdade envolve sua própria excitação genital. Freud levanta tal hipótese considerando que:

“A criança parece estar convencida de que os genitais têm algo a ver com o assunto, muito embora, em suas constantes cogitações, possa procurar pela essência da presumida intimidade entre os pais em relações de outra espécie, tais como no fato de dormirem juntos, de urinarem na presença um do outro, etc;” (Freud, 1919, p. 235)

No entanto, o amadurecimento desse desejo genital é interrompido pelo corte da castração. Então, a transição para a segunda fase da fantasia de espancamento se dá através de impulsos libidinosos masoquistas regidos por um sentimento de culpa pelo conflito incestuoso com a figura paterna que espanca, junto a uma forte repressão deste desejo de incestuoso. .

Nesta fase, o sentimento de culpa em relação ao desejo incestuoso altera a composição do sadismo primitivo para um masoquismo pautado em uma forte repressão, voltando a uma organização estrutural pré-genital, anal-sádica da vida sexual. Como descrito por Freud:

“Este ‘ser espancado’ é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios” (Freud, 1919, p. 237)

Freud também destaca como no masoquismo nesta segunda fase a satisfação de tais impulsos não se dá só a partir da masturbação, mas também através da regressão pré-genital ou repressão da libido do Sujeito:

“Não nos devemos esquecer de que, quando a fantasia incestuosa de um menino se converte na fantasia masoquista correspondente, ocorreu a substituição da atividade pela passividade; e esse grau adicional de distorção pode salvar a fantasia de ter que permanecer inconsciente, em consequência da repressão. Dessa maneira, o sentimento de culpa seria satisfeito pela regressão, em vez de o ser pela repressão. Nos casos femininos, o sentimento de culpa, em si talvez mais preciso, só podia ser apaziguado por uma combinação das duas” (Freud, 1919, p. 237)

Por fim, a terceira fase da estrutura desse cenário fantasioso se dá como um retorno à primeira fase onde, desta vez, há uma troca da imagem do espancador. Ademais, toda a situação do espancamento que se tornou objeto sexual, ganha alterações e elaborações mais complexas, tais como castigos e humilhações que podem substituir o espancamento, ligando-se e proporcionando forte excitação sexual e uma satisfação masturbatória.

A característica principal é a separação do sujeito em relação à criança espancada, colocada quase como uma espectadora diante da situação do espancamento. Entretanto, o que se mantém é a presença da figura de autoridade, podendo ser esta o pai ou uma outra figura que a represente. Assemelhando-se com a primeira parte da fantasia pelo prazer sádico:

“É como se na frase ‘O meu pai está batendo na criança, mas ele só ama a mim, a ênfase tenha-se deslocado para a primeira parte, depois que a segunda sofreu repressão. Contudo, apenas a forma dessa fantasia é sádica; a satisfação que deriva dela é masoquista. Seu significado está no fato de que assumiu a catexia libidinal da porção reprimida e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa que está ligado ao conteúdo daquela porção.” (Freud, 1919, p. 238)

Muito relacionado a esse cenário fantasioso, vemos que na terceira parte existe, além da substituição do pai por uma figura de autoridade, uma encenação na qual a criança que recebe o castigo sustentada a partir da ficção de alguém que precisa ser castigado. Importante ressaltar que para ambos os gêneros, o espancador estará sempre relacionado em sua origem a uma figura paterna.

Isto posto, Freud conclui na obra “*Uma Criança é espancada*” com a retomada da fantasia do espancamento, onde a primeira e terceira fase são pautadas pelo sadismo dentro de lembranças conscientes, onde a contraparte do sadismo representado no masoquismo volta a aparecer de forma inconsciente.

Traçando um paralelo da obra do Freud com o primeiro capítulo desta análise, consegue-se então explicar como a fantasia de espancamento se pauta a partir de uma estrutura neurótica obsessiva<sup>5</sup>.

Considerando o que foi dito sobre o sentimento de culpa que pauta o masoquismo na segunda parte da fantasia, a obra “*Problema Econômico do*

---

<sup>5</sup> Terceira citação na **página 20**

*Masochismo*” (1924) traz algumas colaborações para destrinchar seu funcionamento.

Através da conceituação do masochismo moral, há uma lembrança de uma hipótese que melhor explica o fenômeno citado. Oriundo da pulsão de morte tendo como alvo o *self*, Freud expande esse conceito ao retomar o sentimento de culpa inconsciente, presente na segunda fase da fantasia do espancamento:

“A satisfação desse sentimento inconsciente de culpa é talvez o mais poderoso bastião do indivíduo no lucro (geralmente composto) que afeita a doença - na soma de forças que lutam contra o restabelecimento e se recusam a ceder seu estado de enfermidade. O sofrimento acarretado pelas neuroses é exatamente o fator que as torna valiosas para a tendência masoquista” (Freud, 1924, p. 207)

É retomado também a função do ego de reconciliar as três instâncias com as quais o ego se relaciona, o Id, o mundo Externo e o Superego. O Ego se esforça buscando a imagem do Ideal de Ego para tentar estabelecer um exemplo a seguir. Junto desta imagem, há também a introjeção do Ego a partir dos objetos libidinais do id, caracterizado como seus pais:

“Nesse processo, a relação com esses objetos foi dessexualizada; foi desviada de seus objetivos sexuais diretos. Apenas assim foi possível superar-se o Complexo de Édipo. O superego reteve características essenciais das pessoas introjetadas - a sua força, a sua severidade, a sua inclinação a supervisionar e punir. Como já disse em outro lugar, é facilmente concebível que, graças a desfunção de instinto que ocorre juntamente com essa introdução no ego, a severidade fosse aumentada.” (Freud, 1924, p. 208)

Por este motivo, a contribuição que podemos extrair também deste texto seria pela a resolução do Complexo de Édipo para atribuir uma figura de autoridade presente na terceira fase da fantasia de espancamento:

“O complexo de Édipo mostra assim ser - como já foi conjecturando num sentido histórico - a fonte de nosso senso ético individual, de nossa moralidade. O curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação pessoal desses para o superego retrocede para o segundo plano. Às imagens que deixam lá atrás estão, pois, vinculadas às influências de professores e autoridades, modelos auto-escolhidos e heróis publicamente reconhecidos, cujas figuras não precisam introjetadas por um ego que se tornou resistente” (Freud, 1924, p. 209)

A segunda obra que traz adições relevantes a estrutura da sexualidade infantil e já citada nesta pesquisa é *Fetichismo* (1927), também escrito por Freud. Nesta pesquisa, Freud traz a hipótese do fetiche como um substituto para o falo

diante da castração. Assim, o fetiche seria uma forma de preservar o falo da extinção:

“O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele. Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade” (Freud, 1927, p. 181)

Outra contribuição que o texto de Freud traz é o entendimento da diferença entre a neurose e psicose. Atribuindo a neurose. À repressão de impulsos vindos do id, a psicose se origina de uma defesa contra o mundo externo e do subsequente desligamento da libido de fragmentos deste é induzida pelo impulso da libido para se desligar dos fragmentos do mundo externo como um mecanismo de defesa.

A partir desse processo de psicose, Freud traça um paralelo:

“Desse modo, um fragmento da realidade, indubitavelmente importante, fora rejeitado pelo ego, tal como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas” (Freud, 1927, p. 183)

O fetiche pode tomar formas aparentemente contrárias, como o sadismo e o masoquismo, por se basear tanto na rejeição da castração quanto em sua efetivação no próprio fetiche. Utilizadas tanto em atos sexuais como em atos masturbatórios, essas formas contrárias usam da identificação para criar uma representação da castração:

“Isso acontece particularmente, caso ele tenha desenvolvido uma forte identificação com o pai e desempenha o papel deste último, pois foi este que, em criança, atribuiu a castração da mulher. A afeição e a hostilidade no tratamento do fetiche - que correm paralelas com a rejeição e o reconhecimento da castração - estão mescladas em proporções desiguais em casos diferentes, de maneira a que uma ou outra seja mais facilmente identificável” (Freud, 1927, p. 184)

### 3. Capítulo 3 - BDSM: Uma prática, um grupo

- **3.1 - BDSM mais do que o Sadomasoquismo**

Após a explicação dos conceitos psicanalíticos que podem ser englobados como mecanismos de defesa contra a castração e a recusa da realidade, conceituaremos aqui as práticas que este trabalho busca explicar assim como as relações entre os sujeitos que as realizam. A prática citada é o BDSM, uma sigla que engloba práticas sexuais pautadas em “Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo”.

A antropóloga americana Margot Weiss em sua obra “*Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*” (2011), explica a relevância possuída pela sigla BDSM devido a esta abranger as mais diversas práticas, a partir do significado de sua sigla, tal qual descrito na seção terminológica da obra:

“Os termos SM e BDSM são usado de formas intercambiáveis para indicar uma comunidade diversa de aficionados em bondage, dominação/submissão, jogos de sensação ou dor, troca de poder, uso de couro no sexo, encenações e fetiches. A comunidade engloba uma ampla variedade de práticas, tipos de relacionamento e encenações. Abrangendo dos mais comuns (por exemplo, amarra em cordas ou flagelação), para as menos (encenações com temática incestuosa ou a encenação de ser um pônei). Ainda assim, todas essas práticas se encaixam sobre o termo guarda-chuva<sup>6</sup> BDSM” (Weiss, 2011, p. vii)

A sigla BDSM é formada a partir de três acrônimos com significados distintos. O primeiro é B&D, significando de “Bondage e Disciplina”. A sigla D/S expressando os fetiches que usam de “Dominação e Submissão”, além de formas para estabelecimento de relações interpessoais. Por fim, SM, significando fetiches de “Sadismo e Masoquismo”.

Através dessa amálgama, pode-se explicar melhor o seu significado linguístico e compreender quais fetiches podem ser englobados pelas siglas e letras. A começar pelo B de B&D que se refere a **Bondage**, significado de uma técnica que engloba práticas de amarração e imobilização com cordas, algemas ou couro:

---

<sup>6</sup> **Conceito Guarda-Chuva** é um termo ou expressão que explica, contém ou descreve uma vasta gama de objetos e com vários significados. (Exemplo de Termo Guarda-Chuva: a sigla LGBTQ+)

“Bondage tornou-se uma prática cada vez mais especializado e uma prática altamente técnica, e até mesmo transnacional. Uma recente mania manifestada é a de ‘bondage por corda japonesa’ (às vezes chamada de *shibari*), uma forma elaborada e estetizada de amarração, é um exemplo desta ênfase em novas técnicas especializadas. Praticantes procuram ser especializados em arreios de corda, imobilização junto de suspensão, bondage em um orçamento, amarração com couro, imobilização de encolhimento e mais.” (Weiss, 2011, p. viii)

O contraponto ao Bondage está na letra D, referente a “Disciplina” e suas práticas de punição e castigo baseado em espancamento. Muito de seus praticantes não se enxergam como sadomasoquistas, assim como estes não o vêem como iguais. e sim como “Sadomasoquistas leves”. Marcados como iniciantes em relação ao mundo SM, tal argumento levantado pelos sadomasoquistas é descrito:

“As comunidades de disciplina e espancamento tendem a estar mais interessadas em uma disciplina formal, e seus praticantes costumam ser heterossexuais e casados. Suas cenas envolvem um mínimo uso de brinquedos, roupas e outras parafernalias do Sadomasoquismo. Por isso, são considerados ‘iniciantes’ no cenário SM. Ao mesmo que, no entanto, que o espancamento, disciplina, punição e chibatadas - todas as formas clássicas do B/D - são usados de bem comum em encenações de BDSM” (Weiss, 2011, p. viii)

O D/S, significado de “Dominação e Submissão”, como bem dito, engloba fetiches onde há uma relação de poder. Tomado por uma autoridade simbólica onde pode ou não haver contato físico.

As práticas D/S podem se dar em uma curta cena sexual feita entre os praticantes que envolva uma relação de poder, ou ser algo longo e duradouro, como uma relação de mestre e escravo. Nas relações a longo prazo, é explícito e estabelecido a relação de propriedade que um praticante possui sobre o outro:

“As práticas D/s abrangem de situações a longo prazo, como viver a relação M/s (Mestre/Mestra e Escravo) onde um participante mantém uma “posse” do outro de formas variadas (alguns casos incluindo contratos formais de servidão), até a encenações de curto-prazo entre parceiros de cena (como por exemplo, uma cena onde uma “menina levada” deve escrever “eu não irei me masturbar” na lousa, ou um submisso deve manter uma pose firme enquanto recebe cócegas de seu dominador” (Weiss, 2011, p. ix)

Através desta afirmação de propriedade, as práticas D/S também podem ter componentes que abrangem estruturas de relacionamentos:

“As práticas D/s podem ser um componente de uma encenação ou estar presente na estrutura de um relacionamento. As formas mais especializadas de troca de poder incluem de uma escrava encoleirada organizar a agenda profissional de seu mestre, um submisso que é grato por limpar a casa de sua mestra ou o escravo que está

disponível para ser modelo de demonstração de sua esposa *prodomme*<sup>7</sup> em aulas/cenas de S/M. Essas cenas e relacionamentos são primariamente sobre poder simbólico, elas podem ou não envolver contato ou sensações físicas” (Weiss, 2011, p. ix)

Entretanto, Weiss ressalta a partir do trabalho de outros sociólogos como Langridge e Butt (2005), que a autoridade nessas cenas é explícita e, ainda que os papéis de dominador e submisso sejam relativamente estáveis, tais posições são móveis, determinado pelos praticantes durante o ato sexual.

Weiss também traz a hipótese de que as relações de D/s seriam a base das cenas de BDSM a partir da *Total Power Exchange*<sup>8</sup>, onde um mestre possui um controle absoluto do escravo. Citando outros dois sociólogos para seu auxílio:

“Como os sociólogos Thomas Weinberg e G.W. Levi Kamel escrevem, contrariando as percepções convencionais: 'muito do S/M envolve pouco uso da dor. Em vez disso, muitos sadomasoquistas atos como humilhação ou abuso verbal, crossdressing, ser amarrado (bondage), espancamentos suaves onde não há um desconforto severo ou similar. O frequente, é a noção de estar indefeso e estar sujeito a vontade do outro que é sexualmente excitante. Como o cerne do Sadomasoquismo não é a dor, mas a idéia de controle - dominância e submissão' (1995, p. 19). Praticantes e outros pesquisadores do S/M concordam que o controle sexual, o intercâmbio de poder, ou o que Patrícia (agora Patrick) Califia chama de "Dicotomia do poder" ou "desequilíbrio" entre parceiros é central a todo o BDSM” (Weiss, 2011, p. ix)

E por fim, o **S&M**, “Sadismo e Masoquismo” vinculado ao BDSM, que engloba práticas físicas e corporais, chamadas de *Sensation play*<sup>9</sup>, que pode usar de sensações leves, como uma pena passando nos pés, ou *Pain play*<sup>10</sup>, onde há o uso de castigos corpóreo com o uso de chicotes e outros objetos.

O Sadismo e o Masoquismo é descrito por praticantes como uma sensação que diferencia a dor considerada uma *Dor Boa* se comparada a uma *Dor Ruim*. Explicado em:

"Dor, aqui, é uma palavra capciosa. A definição básica no dicionário sobre dor se liga a sua aversão, assim ninguém aproveita essa atividade e as descrevendo como "dolorosas" neste contexto. Nessa cena, praticantes diferenciam a "dor boa" do S&M e da "dor ruim", como bater o mindinho do pé. Eles usam de analogias para descrever essas sensações: a sensação que resulta de uma chicotada é como um

---

<sup>7</sup> *Prodomme* seria uma “dominadora profissional” e termo, tal como *dominatrix*, de uma mulher que trabalha e ganha para dominar alguém. O masculino na profissão de *Prodomme* são chamados de *Prodoms*.

<sup>8</sup> *Total Power Exchange* refere-se a “Troca Total de Poder”

<sup>9</sup> *Sensation play* refere-se a “Cena/brincadeira com Sensação”

<sup>10</sup> *Pain play* refere-se a “Cena/brincadeira com Dor”

relaxamento de uma massagem com um tecido denso, ou a intensidade de comer uma comida picante, ou o relaxamento cognitivo de uma meditação. Exemplos comuns da sensation play incluem flagelação, chibatadas, chicotadas, cortes e brincadeiras com temperatura. Muitos de seus praticantes se engajam no uso de bondage, o sensation play, e um pouco de cena de poder" (Weiss, 2011, p. x)

É destacável que também há um outro significado para a amálgama de **S** e **M**. Traduzida por "Sadomasoquismo" e representada na escrita como **SM**. O sadomasoquismo se difere de seu contraponto "Sadismo e Masoquismo", pois o SM não está vinculado ao BDSM, voltando suas atenções para o uso de comportamentos perversos vinculado a obtenção ou o uso destes em cenas internas, incorporando a erotização da dor obtida. Com base no "*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*" (2000), Weiss rechaça o caráter patológico ao dizer:

"Essa história - e realidade contemporânea - da patologização é o porquê praticantes hoje tendem a usar o S&M e não o Sadomasoquismo: Sadomasoquismo firma a erotização da dor no interior de um modelo psiquiátrico de patologia, enquanto que os praticantes contemporâneos entendem seus sadomasoquismos serem sobre prazer mútuo e intercâmbio de poder" (Weiss, 2011, p. x)

Entretanto, levando em consideração as suas diferenças, tanto o "Sadismo e Masoquismo" quanto o "Sadomasoquismo" se assemelham ao movimento BDSM por um mantra de ambos os grupos. Mantra este onde as cenas devem ser feitas no preceito de "São, Seguro e Consensual", também colocada na sigla SSC. Por mais que o SM tenha maiores distinções do BDSM:

"(...) se você fala para a imprensa sobre o BDSM, "tente com o que o repórter escreva SM, e não S&M - Pois evoca velhos estereótipos que tentamos superá-los. S&M significa Sadismo & Masoquismo enquanto SM significa sadomasoquismo; inerente às palavras é a necessidade mútua de ambas bem como o consentimento envolvido". Nessa lógica, S&M desfoca a relacionalidade do intercâmbio de poder no SM; semelhantemente, SM ainda separa o Sadismo e Masoquismo (embora seja preferível por alguns que vêm isso pela relação escravo/Mestre). E embora os teóricos após Krafft-Ebing tenham debatido se o sadomasoquismo deveria ser considerado um simples desejo, ou caminho para o prazer, ou separá-lo entre dois. Muitos praticantes sentem que o SM traz o Sadismo e o Masoquismo juntos, separando esse corte. Essa complexidade de definição - onde ambos SM referem-se e resistem a um originário patológico, e onde é ao mesmo tempo um termo guarda-chuva para todas as dinâmicas de intercâmbio de poder consensual e um termo mais restrito referente ao pain play - é a parte da razão pela qual o BDSM está ganhando adeptos: Para muitos praticantes, para mais acolhedor, e menos problemático, que o SM" (Weiss, 2011, p. xi)

Um outro ponto considerável do BDSM como um todo, seria de sua expressão Pansexual<sup>11</sup>, pois seus praticantes podem ser de qualquer gênero ou orientação sexual, mostrando um maior foco nos mais diversos alvos sexuais do que nos objetos sexuais, como explicado no primeiro capítulo desta análise.

Todavia, dentro do próprio BDSM podem haver grupos que podem se guiar tanto pelo objeto quanto pelo o alvo sexual. Um dos exemplos que podemos citar é o chamado Cenário *Leather*, onde o uso de roupas de couro como objeto gregário é usado por praticantes do BDSM voltados ao público exclusivamente gay e lésbico:

"(...) mas o BDSM rapidamente se tornou o acrônimo de escolha, principalmente para a comunidade pansexual - misturado com a comunidade BDSM, fez uma pintura de praticantes de vários gêneros e orientações sexuais. *Leather*, por outro, é usado com maior frequência, pela comunidade gay e lésbica, em alguns casos, sadomasoquistas para descrever uma comunidade SM que inclui fetichismo pelo couro e clubes de motocicleta" (Weiss, 2011, p. vii)

Através de distinções de grupos que ocorrem na comunidade BDSM, representados pela a amálgama de acrônimos anteriormente citados, podemos entender que existe uma rede de grupos entre esses praticantes dentro do todo BDSM. Tais redes são denominadas de Cenário, que podem tanto abranger o todo do BDSM, como também de um cenário específico, como citado o Cenário *Leather* e o Cenário Sadomasoquista:

"A Comunidade também é chamado de cenário, que se refere a uma rede de pessoas orientadas pelo BDSM, organizações, locais de encontros, calabouços, páginas na web, fóruns de e-mails, conferências e assim se segue. O Cenário é diferente de uma Cena, que se refere a encontros e sessões particulares que envolvem BDSM" (Weiss, 2011, p. viii)

Para melhor explicar como funciona uma comunidade dentro do BDSM, Margot Weiss conduziu uma pesquisa de campo onde conheceu e se aprofundou sobre as normas e condutas da chamada "***Janus Society***". Situada na Bay Area, São Francisco, a entrada para *Janus Society* começa a partir de aulas online disponibilizadas por email, onde Weiss relata:

"Essa lista começa com documentos sobre o enorme alcance das práticas e técnicas do BDSM - introdutórias ou o básico do BDSM, não menos - dentro do limite da comunidade. As setes aulas estavam distintas das aulas mais avançadas do

---

<sup>11</sup> Pansexual: Derivado do prefixo grego "pan" que significa "tudo" ou "todos", o Pansexual seria um adepto da **Pansexualidade**, que seria a atração sexual ou amorosa por pessoas independente de seu sexo, orientação sexual, gênero e identidade de gênero.

programa de Janus, o qual em alguns meses, incluíam 'imobilização total invólucro', 'Co-Dominador: Dividir é bom', 'Jogo de Faca Erótico', 'Vaginal Fisting', 'Quando alguém que você ama é Baunilha<sup>12</sup>', e - o meu título de workshop favorito - 'Tortura de mamilos para um mundo duvidoso'. O email com as aulas anexadas alerta que essas classes são 'sem a intenção de tornar alguém perito em uma área específica, mas para dar ao estudante uma consciência do espectro dessas atividades... E o básico de como lidar com elas com segurança' (Weiss, 2011, p. 10)

A pesquisa acadêmica de Margot também traz um relato de um sujeito participante da *Janus Society*. Seu nome é Estrella, uma mulher branca americana em seus 30 anos que se considera uma Dominadora. Durante a entrevista, Estrella relata que o uso das práticas do BDSM são como sua escolha de orientação sexual, afirmando ser parte dela:

"Estrella havia notado que o SM é também uma comunidade para ela, indicando para as maneiras que identidade e práticas se misturam por meio da comunidade: 'Foi similar para o caminho que eu cresci em minha identidade lésbica: 'oh, essa é quem sou eu, outras pessoas o fazem, tem um nome para isso, e há regras sobre isso. E eu posso escolher aprender sobre essas regras ou não, ser parte dessa comunidade ou não, seguir essas regras ou não. Mas sim, existe um nome e agora eu sei quem eu sou.'. Os comentários de Estrella revela que o BDSM é simultaneamente uma orientação ou identidade, um ofício, uma prática, uma comunidade ou cena social". (Weiss, 2011, p. 10)

Weiss retoma conceitos debatidos por Foucault em sua texto "*O uso do prazer*" (1987), citando o sujeito que faz uso das técnicas em si mesmo não apenas para trazer a conduta de uma determinada regra feita por alguém, mas nivelando-se a esse alguém a partir de sua transformação em tema ético diante o comportamento deste.

Organizado pelo pensamento de "*História da Sexualidade*" (1976), trabalho também de Foucault. Weiss traça um paralelo colocando as técnicas aprendidas pelo BDSM e SM no processo de construção do Sujeito, além de suas diferenças durante o processo:

"(...) este trabalho no Eu, ou *techné*, nos ajuda pensar através das maneiras em que os praticantes moldam a si mesmos como sujeitos Sadomasoquistas. Esta técnica é baseada no BDSM como práticas: um conjunto de habilidades ou ofício que deve ser aprendido e dominado. Então, por exemplo, muitas pessoas vêem o BDSM como algo que eles fazem (não algo que eles são), uma sexualidade organizada em torno das práticas. Como um óbvio exemplo, pessoas que praticam o BDSM são geralmente chamados de "praticantes" ou "atores", não algo como "bdsmuais". Os praticantes SM, por sua vez, se identificam em uma forma bem específica e na suas

---

<sup>12</sup> **Baunilha** é um termo designado a sujeitos que não praticam BDSM. Vem de uma referência ao sabor mais neutro do sorvete. Muitos praticantes que não assumem publicamente seu envolvimento com o BDSM se referem à sua vida pública como "vida baunilha".

formas relacionais; meus entrevistados chamavam a si mesmos de pervertidos, voyeurs, mestres, masoquistas, switches, escravos, (...)" (Weiss, 2011, p. 11)

Assim, enxergamos que as dinâmicas das relações SM também englobam outros aspectos da vida do sujeito, sendo modificadas tipicamente a partir da orientação sexual, tipos de relacionamento, dinâmicas intrapessoais e interesses do sujeito.

Entretanto, diferente dessas combinações nas relações SM, o sujeito nas relações quando usa o BDSM troca a prioridade traçada pela subjetividade da identidade sexual, desestabilizando-a. Concluindo, o BDSM seria uma identidade pelas práticas, em uma projeção profundamente pessoal, ainda que relacionada ao Eu:

“Essa forma de auto-formação é organizada em torno de códigos de conduta de uma comunidade. Para os praticantes SM não é simplesmente uma atividade sexual, ao contrário da maioria dos devotos do sexo oral, por exemplo. Praticantes do BDSM participam de uma comunidade que fornece regras e técnicas através das quais praticantes do SM forjam suas orientações. Muitos dos meus entrevistados se distinguem entre praticantes "Reais" ("forma de vida" ou atores "experientes" e de "cenas pesadas") dos "amadores de fim de semana" ("praticantes na cama", "cenas arriscadas" ou atores "inseguros" e "novatos").” (Weiss, 2011, p. 11)

### ● 3.2 - Psicologia das Massas em grupos BDSM

A dinâmica e complexidade que práticas de um comportamento perverso assumem em uma comunidade surpreende com o relato da *Janus Society* e o estudo feito por Weiss. Defrontado por essa complexidade, este estudo voltou aos estudos da Psicanálise para melhor compreender o funcionamento da psique das massas.

Apoiado pelo estudo feito por Freud em “*Psicologia das massas e Análise do Eu*”(1921), começamos com uma retomada aos estudos de Freud citando William McDougall (1920), que explica a forma de comportamento de um grupo movimentado pela emoção, mas usando de uma conduta organizada a partir de cinco condições principais para a elevação da vida mental coletiva.

A primeira se pauta a partir da continuidade de existência do grupo, podendo ocorrer de uma continuidade material ou formal:

“A primeira e fundamental condição é que haja certo grau de continuidade de existência no grupo. Esta pode ser material ou formal: material, se os mesmos indivíduos persistem no grupo por certo tempo, e formal, se se desenvolveu dentro do grupo um sistema de posições fixas que são ocupadas por uma sucessão de indivíduos” (Freud, 1921, p. 111)

A segunda e a terceira condições se estruturam usando as ideologias estabelecidas do grupo, para assim poder haver uma relação com outros sujeitos deste grupo, além de se manter uma interação com outros grupos distintos:

“A segunda condição é que em cada membro do grupo se forme alguma idéia definida por natureza, composição, funções e capacidades do grupo, de maneira que, a partir disso, possa desenvolver uma relação emocional com o grupo como um todo. A terceira é que o grupo deva ser interação (talvez sob forma de rivalidade) com outros grupos semelhantes, mas que dele difiram em muitos aspectos” (Freud, 1921, p. 111)

Encerrando o pensamento de McDougall, é relatado a quarta e a quinta condição com o foco em suas tradições, hábitos e estrutura:

“A quarta é que o grupo possua tradições, costumes e hábitos, especialmente tradições, costumes e hábitos tais, que determinem a relação de seus membros uns com os outros. A quinta é que o grupo tenha estrutura definida, expressa na especialização e diferenciação das funções de se seus constituintes” (Freud, 1921, p. 111-12)

Freud ressalta que se seguidas essas condições, as desvantagens psicológicas e redução da capacidade intelectual tendem a ser menores. Embora considere o trabalho de McDougall vital para o entendimento dos grupos, Freud ressalta uma problemática relacionado ao Sujeito inserido neste grupo:

“O problema consiste em saber como conseguir para o grupo exatamente aqueles aspectos que eram característicos do indivíduo e nele se extinguiram pela formação do grupo, pois o indivíduo, fora do grupo primitivo, possuía sua própria continuidade, sua autoconsciência, suas tradições e seus costumes, suas próprias e particulares funções e posições, e mantinha-se apartado de seus rivais. Devido à sua entrada num grupo ‘inorganizado’, perdeu essa distintividade por certo tempo” (Freud, 1921, p. 112)”

Acentuando a hipótese de que o sujeito em um grupo tem sua capacidade intelectual reduzida e tomado pelos instintos, Freud buscou elaborar uma hipótese que faz a explicação psicológica desta alteração mental pela qual o sujeito é tomado. Alteração caracterizada em:

“Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do

grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos que são peculiares a cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especificamente suas” (Freud, 1921, p. 113)

Freud então recorre a hipótese que esse comportamento de tomada dos instintos se deve a chamada sugestão<sup>13</sup>. Auxiliado por estudos de Le Bon e McDougall, Freud conceitua a hipótese de ambos os autores para a origem da sugestão, creditado a imitação mútua de indivíduos em um grupo buscando o prestígio do líder ou a indução primitiva da emoção, respectivamente.

No entanto, Freud faz uma ressalva ao pensamento de McDougall sobre a existência do fenômeno da sugestão. Por mais que considere um fenômeno importante na expressão do sujeito em um grupo, ele rechaça a sua origem:

“Por que, portanto, invariavelmente cedemos a esse contágio quando nos encontramos num grupo? Mais uma vez teríamos de dizer que o que nos compele a obedecer a essa tendência é a imitação, e o que induz a emoção em nós é a influência sugestiva do grupo. Ademais, inteiramente à parte disso, McDougall não nos permite escapar à sugestão; aprendemos com ele, bem como outros autores, que os grupos se distinguem por sua especial sugestibilidade” (Freud, 1921, p. 114)

Assim, Freud recorre a suposição de que a origem da sugestão e impulsiona o comportamento do sujeito está ligado a Libído. Considerando a teoria das emoções, ele recorre que a energia libidinal é o que impulsiona o sujeito a buscar uma união sexual, mas não apenas isso:

“Nossa justificativa reside no fato de que a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade (como em características tais como o anseio de proximidade e o auto-sacrifício)” (Freud, 1921, p. 116)

Ademais, Freud também reforça que a libído não impulsiona a busca da união sexual pensando o sexo em si. Mas sim a muitas formas do uso da libído nas emoções e para objetos:

“O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso - que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ - por um lado, o amor próprio, e por outro, o amor pelos

---

<sup>13</sup> **Sugestão**, também traduzida como o termo “imitação” e adotada na obra “Psicologia das massas”

pais e filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos e a idéias abstratas” (Freud, 1921, p. 116)

Pensando sobre os aspectos libidinais que auxiliam a estabelecer as relações do sujeito, Freud retoma em “Psicologias das Massas” um olhar sobre a constituição da identidade do Eu. Onde em um primeiro momento retoma as formas de como o sujeito constitui sua identidade:

“Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; frequentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha do objeto retroage para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações, o ego às vezes copia que não é amada e, outras, a que é” (Freud, 1921, p. 135)

Com o que foi apresentado, Freud elabora um pressuposto de um terceiro caso de identificação. Sendo este guiado não pela relação de objeto que o sujeito tem com a pessoa, mas sim usando um mecanismo de identificação a partir da possibilidade e desejo de colocar-se na mesma situação do objeto:

“Um determinado ego recebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre este ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser reprimido” (Freud, 1921, p. 136)

Assim, Freud conclui em resumo as formas de identificação a partir de um objeto de qualquer natureza, mas tomado de forte impulso libidinal:

“O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço” (Freud, 1921, p. 136)

Analisando a proposta de pensamento em “Psicologia das Massas”, é possível traçar um paralelo do que foi apresentado teoricamente com alguns preceitos citados durante a explicação da *Janus Society*. Preceitos esses que vão desde a estruturação de um grupo pensado por McDougall até a forma de

identificação a partir de um objeto, que nesta pesquisa, a colocamos no termo guarda-chuva “ideal fetichista”.

Como exemplo de objeto podemos tomar um líder que guia as práticas do grupo. Uma citação de Freud pode-nos apresentar, de forma sucinta, como o objeto pode estar representado a partir de um líder, abrindo também um leque para identificarmos o desejo de fazer parte de um determinado cenário fantasioso:

“Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. Outra suspeita pode dizer-nos que estamos longe de haver exaurido o problema da identificação e que nos defrontamos com o processo que a psicologia chama de ‘empatia’ o qual desempenha o maior papel em nosso entendimento do que é inerentemente estranho ao nosso ego nas outras pessoas” (Freud, 1921, p. 136)

### ● 3.3 - Perversão de Transferência: uma relação

Ao analisar como um comportamento perverso pode basear as dinâmicas de um grupo, também podemos pensar como essas relações podem se estabelecer a partir de uma estrutura perversa. Tal hipótese está no conceito da “Perversão de Transferência” discutida na obra “*Tempo e Ato de Perversão*” (2010) de Flávio Ferraz.

A perversão de transferência que Ferraz propõe é usada em um pensamento de *setting* analítico para a compreensão e elaboração de uma “Clínica do Perverso”. Porém, este estudo fará um olhar com o entendimento de que a perversão de transferência é usada em contexto metapsicológico.

Posto isto, se faz necessário usar a explicação de como a transferência, sendo referência para explicar o conceito com Laplanche e Pontalis com “*Vocabulário de Psicanálise*” (1967). A obra descreve a transferência como:

“Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (Laplanche, 2014, p. 514)

Mas Laplanche cita que o próprio Freud considera que as relações de transferência podem se dar fora do setting analítico, mas sim as formas de como o Sujeito se relaciona com outros a partir de suas expressões:

“Há muitas expressões que mostram como Freud não assimila o conjunto do tratamento na sua estrutura e na sua dinâmica a uma relação de transferência: ‘que são as transferências? São reimpressões, cópias das moções e das fantasias que devem ser despertadas e tornadas conscientes à medida do progresso da análise; o que é característico de sua espécie é a substituição pela pessoa do médico de uma outra anteriormente conhecida’. Destas transferências, Freud indica que não são diferentes por natureza conforme se dirijam ao analista ou qualquer e, por outro lado, que não constituem aliados para o tratamento a não ser que sejam explicadas e ‘destruídas’ uma a uma” (Laplanche, 2014, p. 517)

Para melhor explicar a formação da perversão de transferência, Ferraz faz uso de orientação lacaniana ao trazer a perversão pelo campo transferencial e representado por um fenômeno sintomático:

“O ‘diagnóstico transferencial’ segue um modelo que liga diretamente a estrutura clínica ao mecanismo defensivo predominante na saída do conflito edípico. Assim, a perversão decorre da recusa, como a neurose decorre do recalçamento, e a psicose, da rejeição. O desafio presente na transferência perversa é o elemento central para o diagnóstico, eximindo o clínico valer-se de algo como um ‘desvio sexual’ para sua definição. A perversão parece, assim, ser tomada mais na acepção de operador clínico do que propriamente psicopatológica. Se tal procedimento tem a vantagem de focalizar claramente o campo de trabalho analítico, por outro lado, ele pode ‘desmaterializar’ a perversão, retirando-lhe a sintomatologia sexual, que passa, assim, a ser contingente” (Ferraz, 2010, p. 35)

Ao pensar como a escola kleiniana enxerga tal fenômeno do campo transferencial da perversão, Ferraz voltou seus estudos a obra de Otto Kernberg. Psiquiatra e Psicanalista Austríaco residido nos Estados Unidos e formado *Weill Cornell Medical College* em Nova York, adepto da escola inglesa de psicanálise kleiniana com formação na *Columbia University Center for Psychoanalytic Training and Research*.

Embora tenha o seguimento da Escola Inglesa de Psicanálise, Kernberg refuta a hipótese de seus colegas tal como Klein e Meltzer ao colocar a perversão sexual com a perversão de transferência em um mesmo conceito e sem distinções:

“a ‘síndrome da perversidade na transferência’, como ele chama, ‘consiste, em essência, no recrutamento do erotismo e do amor a serviço da destruição’ (p.73). Trata-se de uma reação terapêutica negativa severa que só pode ter sido confundida com uma patologia sexual específica por uma mera semelhança semântica! A ‘perversão de transferência’ pode ocorrer, evidentemente em pacientes que tenham uma perversão no sentido estrito de ‘desvio sexual’; e Kernberg julga ser justificável

esta coincidência, visto que a perversão está associada à personalidade narcísica” (Ferraz, 2010, p. 38)

Para Kernberg, a perversão de transferência não se daria apenas a sujeitos que apresentam uma estrutura de perversão, ou a partir de comportamentos perversos. Mas também associados a distúrbios narcísicos de personalidade. Conceito este que chama de “síndrome do narcisismo maligno”:

“Kernberg propõe um quadro amplo para a classificação da perversão, mostrando como os fenômenos perversos podem aparecer numa ampla gama de pacientes, que vai desde os portadores da ‘síndrome do narcisismo maligno (que apresentam formas severas de sadismo, masoquismo, pedofilia, coprofilia, etc) ou do ‘distúrbio da personalidade antissocial’ (psicopatas), passando pelos perversos propriamente ditos (que são borderlines, em sua opinião), até com organizações neuróticas da personalidade (nos quais a encenação perversa não teria o caráter de agressão pré-edípica, mas se explicaria pelos aspectos regressivos do próprio conflito edípico)” (Ferraz, 2010, p. 38-39)

Assim, com a prerrogativa de que o estabelecimento da modalidade de transferência tem influência não apenas no quadro estrutural, como também em um possível fenômeno sintomático. Essa hipótese traria uma semelhança ao que os lacanianos colocam em relação a transferência de perversão.

É ressaltado que por mais que haja uma semelhança entre as escolas psicanalíticas. Porém Kernberg, ao contrário destes, coloca uma ênfase nos comportamentos do Sujeito a partir do conjunto de sintomas:

“O que ele parece procurar em seus estudos de caso, para além da pesquisa sobre a transferência, é a qualidade das relações objetais dos pacientes, o que pode perfeitamente ser realizado a partir de informações sobre suas vidas obtidas não exclusivamente por meio da reprodução sob transferência na situação analítica. Para Kernberg, portanto, é possível uma não confluência dos eixos sintomatológicos e transferencial da perversão sobre o mesmo paciente, ou dito mais precisamente, existe uma zona de intersecção considerável entre o desvio sexual e a perversão da transferência, mas restariam outras regiões em que tal intersecção não ocorre” (Ferraz, 2010, p. 40)

Contextualizado o preceito da perversão de transferência, este estudo traz à tona outro conceito relevante para a perversão que se pauta na “recusa do tempo”. A recusa para o trabalho da psicanálise, está muito associada a recusa da castração anteriormente citada, onde trazemos novamente Laplanche e Pontalis com “*Vocabulário de Psicanálise*” (1967):

“Termo usado por Freud em um sentido específico: modo de defesa que consiste em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da

ausência de pênis na mulher. Este mecanismo para explicar o fetichismo e as psicoses” (Laplanche, 2014, p. 436)

Conseqüentemente, Ferraz em “*Tempo e Ato de Perversão*” (2010), apresenta um olhar da recusa a partir da teoria freudiana, considerando o caso dos comportamentos perversos e que se encaixam com a estrutura perversa:

“O conceito de recusa, portanto, surge em Freud atrelado à idéia específica de recusa da castração, mas vai ganhando outros contornos quando referida à psicose. Se no fetichismo - modelo teórico prototípico da perversão em geral - é a castração o objeto precípua da recusa, na psicose ele se amplia em direção a realidade *lato sensu*. A recusa comporta, portanto, vários objetos, que lhe confere faces que, todavia, não lhe retiram a unidade conceitual.” (Ferraz, 2010, p. 60)

Uma das formas que a perversão usa de recusa, além da castração, está na recusa do tempo. Baseado pela sua experiência clínica, Ferraz elaborou que a recusa do tempo usaria como um mecanismo de defesa contra a falibilidade do corpo:

“No paciente de que falei, havia uma instigante articulação entre corpo e tempo. Assim como se recusava o corpo em sua faceta que lembrava falibilidade (doença, cansaço, dor, envelhecimento, perda de beleza e morte), recusava-se o tempo exatamente no seu aspecto de indicativo de envelhecimento” (Ferraz, 2010, p. 63)

Além disso, o uso da recusa do tempo para o Perverso é utilizado também no objeto de desejo, o que faz Ferraz procurar posteriormente a obra de Janine Chasseguet-Smirgel pela a idealização do falso, ou “fetiche pelas próteses”. Mas antes pontua que:

“Ora, essa recusa do envelhecimento, na qualidade de recusa do tempo encarnado no próprio sujeito, sabemos, tem seu correlato na recusa do tempo encarnado no objeto, que aparece frequentemente no descarte dos parceiros que vão envelhecendo, situação socialmente comum, especialmente nos homens. Esse horror ao envelhecimento é um fenômeno mais do que estranhado na chamada ‘normalidade’ cultural, que apenas adquire ares de patologia quando levado a extremos, como no caso de Dorian Gray” (Ferraz, 2010, p.63-64)

Janine Chasseguet-Smirgel, citada na obra de Ferraz, era uma psicanalista francês e formada pela Sociedade Psicanalítica de Paris, chegando a ser vice-presidente Associação Internacional de Psicanálise (IPA) de 1983 até 1989. Chasseguet-Smirgel traz grandes contribuições em seu trabalho “*Ética e Estética da Psicanálise*” (1984) ao caracterizar a prática sexual do perverso como uma atividade anacrônica, vinculada a uma atividade pré-genital no tempo de infância e fortificada pela fixação do comportamento perverso no adulto:

“Não nos parece certo não considerar o que Freud, num adendo de 1915, chama de o *fator tempo*. Realmente, o interesse da criança pela atividade da sucção ou da defecação, a obtenção de prazer que ela tem com isso, é correlativo à sua disposição biológica. Existe coincidência temporal entre sua aptidão psicológica e a obtenção de prazer que ela encontra em sua atividade e que ela irá procurar logo por si mesma. Por outro lado, esse sincronismo não existe no adulto perverso, que continua nas suas satisfações aparentemente anacrônicas que, pode-se dizer banalmente, ‘não são mais para a sua idade’. (Chasseguet-Smirgel, 1984, p. 34).

Ferraz então enxerga como tal recusa do tempo ganha diversas expressões para o sujeito. Porém, a partir dessa fixação, há uma recusa da evolução do objeto libidinal. Excluída a temporalidade, que atinge tanto a imagem do Eu do Sujeito quanto seu alvo e objeto sexual, temos uma recusa do tempo encarnada:

“Esse elemento específico da recusa do tempo encarnado foi tratada por Chasseguet-Smirgel, de modo peculiar, quando de sua abordagem do conflito edípico no perverso. À recusa da diferença sexual anatômica (Freud), ela justapõe uma outra recusa, para ela tão fundamental quanto a primeira, que é a recusa da diferença geracional (e etária, portanto). Trata-se no fundo, do entrincheiramento das pulsões no cenário incestuoso, mostrando como muitas das atividades sexuais do perverso encenam uma não adesão ao pacto que prevê a renúncia libidinal ao objeto familiar, como mostrou Joyce McDougall (1978, 1982, 1985) em diversas ocasiões” (Ferraz, 2010, p. 68)

Dessa maneira, Ferraz conclui o auxílio de Chasseguet-Smirgel com a explicação da recusa do tempo perante a estrutura perversa. Aqui, como ocorre similar na teoria de Joyce McDougall, o Sujeito se prende em um determinado momento como mecanismo de defesa diante do horror da castração, porém aqui não há uma vitória diante desta:

“No perverso, a prevalência da recusa sobre o recalçamento no funcionamento psíquico deve ter sua origem nas lutas psíquicas travadas em torno do conflito e edípico. O congelamento do Sujeito em um determinado momento de seu desenvolvimento se deve ou ao terror de se avançar para um estágio posterior ou ao excesso de gratificação em um determinado estágio, que acabe por indicar à criança que não lhe seria proveitoso o caminho para frente. Chasseguet-Smirgel (1984) afirma que a sedução da mãe pode desencorajar o desenvolvimento da criança ao anular seu desejo de tornar-se grande, o que provoca um estancamento da libido e sua paralisação em um momento do tempo. Essa talvez seja a dinâmica típica da perversão, quando a recusa do tempo terá como corolário a formação do sintoma sexual, acting cujo argumento inconsciente a ser encenado é a tentativa de provar que a castração não existe, bem como não existem as diferenças sexual e geracional, a segunda incidindo particularmente sobre o fator tempo” (Ferraz, 2010, p. 69)

- **Considerações Finais**

“[BDSM] é definitivamente uma orientação assim como minha orientação sexual não é uma escolha sexual, é apenas quem eu sou, então isso o faz uma Identidade. E é uma prática no sentido de que vou às aulas e pratico minhas atividades em nível de ofício e atividades’. Estrella havia notado que o SM é também uma comunidade para ela, indicando para as maneiras que identidade e práticas se misturam por meio da comunidade: 'Foi similar para o caminho que eu cresci em minha identidade lésbica: 'oh, essa é quem sou eu, outras pessoas o fazem, tem um nome para isso, e há regras sobre isso. E eu posso escolher aprender sobre essas regras ou não, ser parte dessa comunidade ou não, seguir essas regras ou não. Mas sim, existe um nome e agora eu sei quem eu sou.'.(Weiss, 2011, p. 10)

Se há uma fala que explica a pergunta que este estudo propõe a responder, esta pode ser encontrada no relato de Estrella. Nele vemos os múltiplos desdobramentos que um comportamento perverso tal como as práticas BDSM podem alcançar.

Vimos na primeira parte deste trabalho as formas que um comportamento perverso pode assumir, desde uma simples prática de obtenção de prazer até a perversão propriamente, em que a prática, da busca por prazer envolve um mecanismo de defesa contra a realidade. Ademais, McDougall (1997) nos trouxe a perspectiva de que a perversão também é usada em um cenário fantasioso, onde o sujeito encena sua vitória sobre a castração

Na segunda parte, apresentamos o modo de estruturação do Eu a partir da agregação de percepções externas. Em certo momento de seu desenvolvimento libidinal, tomado por uma forte catexia em dado objeto sexual importante em sua história, o fetiche, o Sujeito se estrutura a partir deste como um mecanismo de defesa contra o risco de se perder em uma estrutura psicótica.

Concluindo, vimos o quanto um comportamento perverso ou uma cena fantasiosa podem ter de influência na dinâmica de um grupo. O próprio grupo se utiliza das práticas do BDSM como um objeto gregário, estabelecendo um vínculo tanto com as práticas em si como entre os praticantes. O BDSM e suas práticas também são usados como um Ofício, marcando uma posição de importância nestes diversos grupos pautados pelas mais diversas práticas e cenas possíveis.

- **Referências Bibliográficas**

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*, cap. 3, p. 32-53 São Paulo: Publifolha, 2000

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e Estética da Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991 (segunda edição)

CINTRA, Elisa Maria de Ulchoa. FIGUEIREDO, Luís Claudio. *Melanie Klein: Estilo de Pensamento*. São Paulo: Editora Escura, 2010 (segunda edição)

DOR, Joël. *Estruturas e Perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991 (segunda edição)

ETCHEGOYEN, R. Horácio. *Perversión de Transferencia. Aspectos teóricos y técnicos*. Em MOGUILLAN, R.J. (org.). *Escritos Clínicos sobre Perversiones y Adicciones*. Buenos Aires, Lumen, 2002

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015 (sexta edição)

\_\_\_\_\_. *Tempo e Ato na Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010 (segunda edição)

FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. VII

\_\_\_\_\_. *Sexualidade Infantil*. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. VII

\_\_\_\_\_. *“Uma Criança é Espancada”*: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. XVII

\_\_\_\_\_. *Problema Econômico do Masoquismo*. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. XIX

\_\_\_\_\_. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. XVIII

\_\_\_\_\_. *Fetichismo*. Edição Standard Brasileira das obras de Sigmund Freud, v. XXI

LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo. Martins Fontes, 2014 (quarta edição)

McDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo. Martins Fontes, 1997

ROSA, Miriam Debieux, *A Psicanálise frente a questão de identidade*. Belo Horizonte. ABRAPSO, 1997

WEINBERG, Thomas. KAMEL, G. W. Levi. *S and M: Studies in Sadomasochism (New Concepts in Human Sexuality)*. Prometheus, 1999

WEISS, Margot. *Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*, n.t, p. Duke University Press, 2011